

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

MARCELA SOARES EVANGELISTA

VOZES DO APITO:
um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol paulista

BAURU
2026

MARCELA SOARES EVANGELISTA

VOZES DO APITO:
um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol paulista

Relatório do Projeto Experimental do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof. Assoc. José Carlos Marques

BAURU
2026

MARCELA SOARES EVANGELISTA

VOZES DO APITO:
um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol paulista

Relatório do Projeto Experimental do Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Unesp, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Assoc. José Carlos Marques
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Prof^a. Assoc. Angela Maria Grossi
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Prof^a. Dr^a. Suely Maciel
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Bauru, 28 de agosto de 2026

Evangelista, Marcela Soares.

Vozes do Apito: um podcast sobre a arbitragem
feminina no futebol paulista / Marcela Soares
Evangelista. - Bauru, 2026

58 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado -
Jornalismo)-Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e
Design, Bauru

Orientador: José Carlos Marques

1. Arbitragem feminina. 2. Futebol. 3.
Jornalismo. 4. Podcast I. Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes,
Comunicação e Design. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus por minha vida, minha trajetória e todas as experiências que tive até aqui. Com este trabalho, mais um ciclo se encerra e, sem Ele, nada disso seria possível. Agradeço de modo especial a intercessão dos meus santos de devoção, aqui representados por Santa Teresinha do Menino Jesus, Santa Filomena e São Francisco Xavier, o padroeiro dos jornalistas.

Obrigada aos meus pais Ana Paula e Marcelo por tudo que fizeram pela minha formação e por darem tudo de si para que eu tivesse a melhor educação possível. Agradeço também à minha irmã Manuela por todas as vezes que me apoiou e torceu pelas minhas conquistas na faculdade. Obrigada ao meu futuro esposo Daniel por sempre me incentivar e não deixar eu desistir do Jornalismo mesmo diante das dificuldades.

Também agradeço aos meus amigos e demais familiares por serem a força necessária para recobrar o ânimo e seguir em frente diante de tribulações. Aqui, deixo registrada a minha gratidão ao grupo de jovens Jusc (Juventude São Cristóvão) e ao movimento TLC (Treinamento de Liderança Cristã), lugares onde fiz amigos que me sustentaram nos momentos mais difíceis durante a graduação.

De modo especial, agradeço ao meu orientador e professor José Carlos Marques, o querido Zeca. Com ele, tive a chance de aprender além do que os livros ensinam e entender que há muito mais do que palavras em um discurso. Aos demais professores e profissionais que passaram pela minha vida acadêmica, meu muito obrigada, pois vocês me encantaram com tudo o que o jornalismo pode nos proporcionar.

Minha gratidão também ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Mídia e Acessibilidade Biblioteca Falada. Passei toda a minha graduação fazendo parte deste laboratório e pude vivenciar oportunidades incríveis. Agradeço especialmente à professora Suely Maciel e ao doutorando Guilherme de Oliveira por confiarem em mim e me ensinarem a promover uma comunicação mais acessível e inclusiva para todos.

Aos profissionais da Rádio Unesp FM, minha eterna admiração e gratidão por tudo que me ensinaram durante o meu período de estágio. Com vocês, aprendi

muito mais do que a rotina de um jornalista, eu pude ver como é enriquecedor trabalhar em uma emissora que valoriza o pensamento crítico e a divulgação científica de qualidade. Aqui, agradeço a todos no nome da atual diretora da Rádio, professora Angela Grossi, e da estagiária Júlia Hilsdorf, minha parceira para todas as demandas e conquistas na Unesp FM.

Por fim, agradeço às minhas amigas e futuras jornalistas Agata Bueno, Raquel Freire e Vitória Borges por me acolherem e participarem deste ciclo na minha vida. Obrigada por compartilharem comigo este período e dividirem os ônus e os bônus dessa fase tão especial da nossa formação profissional. Aos demais colegas da minha turma, agradeço por se aprofundarem nesta profissão e promoverem discussões enriquecedoras no período em que estivemos juntos em sala de aula. Obrigada!

“Tua voz me faz acreditar”

Bruno Faglioni, Por sobre a dúvida

RESUMO

Este projeto experimental buscou produzir uma série de reportagens radiofônicas, em formato de podcast, para apresentar as principais dificuldades enfrentadas por mulheres na profissão de árbitras de futebol. O objeto de análise é a presença feminina no quadro de arbitragem do Estado de São Paulo. O podcast aborda vários aspectos da atuação de uma árbitra no futebol paulista, com base na fundamentação teórica, que estabelece o *podcasting* como formato que permite a visibilidade de grupos sub-representados na mídia tradicional. O trabalho perpassa os conceitos de radiojornalismo, *podcasting* e arbitragem para produzir um material que possa resgatar a história da presença feminina na arbitragem de futebol, identificar a atuação mais comum entre as mulheres dentro do quarteto de arbitragem e identificar as dificuldades para que as mulheres entrem nessa profissão e cresçam na carreira. Por meio de uma metodologia de execução, o projeto busca uma abordagem qualitativa, combinando revisão bibliográfica com pesquisa aplicada. Nesse sentido, os resultados obtidos são trazer à tona as discussões sobre a presença feminina no esporte e a importância da representatividade na arbitragem brasileira.

Palavras-chave: Arbitragem feminina; Futebol; Jornalismo; Podcast.

O Podcast “Vozes do Apito: a arbitragem feminina no futebol paulista”, produzido como Trabalho de Conclusão de Curso, pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico no Spotify:

<https://open.spotify.com/show/033nHMI4T8JrxTifLXzfDA?si=k19bViXyT9-mYn0ZG0UEDw>

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 – Cronograma de atividades.....	17
Figura 1 – Capa do podcast.....	19
Figura 2 – Capa do segundo episódio.....	19
Quadro 2 - Relação de entrevistados e temas por episódio.....	20
Quadro 3 – Custos para realização do projeto experimental.....	21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO.....	15
3.1 Pré-produção.....	16
3.1.1 Cronograma de execução.....	17
3.2 Produção.....	17
3.3 Pós-produção.....	18
4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO JORNALÍSTICO.....	19
4.1 Público-alvo.....	20
4.2 Custos de execução.....	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista Silvia Regina.....	24
APÊNDICE B – Roteiro do episódio “Não era só mais um jogo”	27
APÊNDICE C – Roteiro do episódio “Foi uma decisão política”	33
APÊNDICE D – Roteiro do episódio “Se a gente desiste, eles vencem”	39
APÊNDICE E – Roteiro do episódio “Se a minha voz for ouvida”	45
APÊNDICE F – Roteiro do episódio “Que outra mulher sempre vença”	50
APÊNDICE G – Lista de músicas.....	56

1 INTRODUÇÃO

O rádio já sofreu muitas transformações durante a história da comunicação brasileira. Uma delas, na década de 1960, foi com o advento da televisão (Klöckner; Bragança, 2001, p. 151). Na época, a popularização dos aparelhos televisivos levantava dúvidas sobre como a audiência do meio radiofônico seria afetada (Rocha, 2005, p. 4).

Enquanto o rádio se tornava mais segmentado, a televisão alcançava o *status* de um bem coletivo, que reunia famílias e vizinhos para assistir à programação. Amara Rocha (2005, p. 6) afirma que uma das estratégias utilizadas pelo rádio para garantir sua sobrevivência foi a relação de proximidade com o ouvinte, reforçada na linguagem dos artistas e dos locutores.

Outra transformação do rádio começou na década de 1990, quando a internet se espalhava pelo Brasil. E uma das principais mudanças está relacionada ao crescimento do consumo sob demanda nas plataformas digitais.

Em 12 de fevereiro de 2004, em artigo publicado no diário britânico *The Guardian*, o jornalista Ben Hammersley constatava que havia algo diferente acontecendo com o rádio via internet, que era cada vez mais ouvido sob demanda, articulando-se com blogs, misturando elementos de expressão pessoal, de conversa informal, e temas fora do radar da mídia de referência, graças a uma nova forma de distribuição de conteúdo online (Kischinhevsky, 2024, p. 17).

De acordo com Marcelo Kischinhevsky (2016, p. 13), o rádio é “hoje um meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música”. E parte da população brasileira já inseriu o podcast em sua rotina. Em 2023, o Brasil tinha mais de 30 milhões de ouvintes de podcast, sendo o terceiro país que mais consumia *podcasting* no mundo, atrás apenas da Suécia e da Irlanda (Rovaroto, 2023).

O termo *podcasting* deriva das palavras *pod*, em referência ao aparelho *iPod*, e *broadcasting*, ou “radiodifusão” (Kischinhevsky, 2024, p. 17). “O *podcasting* constitui-se como uma linguagem, como parte do fenômeno do rádio, mas se estrutura, também, por outros elementos” (Lopez, 2024, p. 12). Um deles é a representação de outras vozes. Quanto maior a quantidade de ouvintes, maior a diversidade de opiniões, crenças e estilos de vida. E o mercado de podcasts

acompanhou essa demanda do público, criando produtos que atendessem todas as parcelas da sociedade.

A representatividade é importante para a construção de uma coletividade e de pertencimento. “As narrativas midiáticas trazem valores, visões de mundo, que podem ter profundo impacto em nossos processos de subjetivação, de nossa formação como sujeitos” (Kischinhevsky, 2024, p. 91). Nesse sentido, o *podcasting* abre espaço para histórias e vozes que dificilmente seriam ouvidas no rádio tradicional.

É o caso, por exemplo, das mulheres no esporte, um campo majoritariamente dominado pelos homens. Embora essa realidade esteja mudando com o passar dos anos, ainda é possível notar a dificuldade das mulheres ocuparem posições esportivas de destaque.

O protagonismo das mulheres no âmbito esportivo pode se caracterizar, e localizar, no campo dos conflitos sociais das relações de gênero. As chamadas relações de gênero, se entendidas como construções sociais a partir dos estudos socioculturais, reforçam e legitimam os papéis dos atores sociais como instituições normativas da vida em sociedade (Rubio; Veloso, 2019, p. 53).

A presença feminina no esporte brasileiro sofreu com proibições legais contra a prática esportiva de mulheres. O decreto-lei nº. 3.199, promulgado em 1941, considerava a prática do esporte pelas mulheres como “incompatíveis com as condições de sua natureza”. Essa lei estabeleceu as bases da organização dos esportes no país e ficou em vigor até 1979 (Januário, 2015, p. 2).

E as consequências dela podem ser vistas até hoje na sociedade brasileira, não só em relação às atletas que praticam as mais diversas modalidades, mas também com todas as outras mulheres envolvidas no esporte. No Brasil, essa disparidade fica ainda mais evidente no futebol. Soraya Januário (2015, p. 3) afirma que “além da prática esportiva do futebol enquanto jogadora, a mulher foi excluída enquanto profissional do esporte”.

Um exemplo dessa exclusão é a arbitragem, posição imprescindível para a prática futebolística. Ineildes dos Santos e Suely Messeder (2014) abordam a fisiologia do corpo vinculado à hegemonia dos homens na divisão de trabalho na arbitragem de futebol. Para as pesquisadoras, a questão física é “vista como empecilho para as inserções de gênero no trabalho desportivo” (Santos; Messeder, 2014, p.3).

Em 2014, um levantamento realizado por Monteiro, Soares e Mourão (2015) demonstrou a presença de 76 mulheres entre 480 árbitros no quadro de arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o que representa 15,48% de presença feminina. Uma década depois, em 2024, a CBF tinha 150 árbitras entre 918 profissionais no quadro de arbitragem, o equivalente a 16,34% (Evangelista, 2025). Apesar da melhora, o valor representa menos de um quinto do total de vagas disponíveis.

E essa realidade se estende para a maioria dos estados brasileiros, até mesmo nas federações mais estruturadas, como a de São Paulo. O território paulista funcionou diversas vezes como um laboratório de experimentação da arbitragem brasileira e até mundial. Alguns exemplos disso são o uso do *spray* para fazer marcações no campo e a padronização e inserção de marcas nos uniformes dos árbitros. A Federação Paulista de Futebol (FPF) foi o berço das pioneiras na arbitragem feminina no Brasil, lançando nomes como Silvia Regina e Ana Paula Oliveira. Apesar disso, atualmente o quadro de arbitragem da FPF tem 615 profissionais e apenas 49 são mulheres, o que equivale a quase 8%. Nesse sentido, a sub-representatividade feminina na arbitragem do futebol paulista é o tema que norteia este trabalho.

O *podcasting* surge, nesse aspecto, como uma possibilidade de dar voz às mulheres que atuam como árbitras de futebol no Estado de São Paulo. Segundo Katia Rubio e Rafael Veloso, “dar visibilidade aos feitos das mulheres por meio de suas próprias narrativas permite a visibilidade de uma jornada subdivulgada” (Rubio; Veloso, 2019, p. 52). Portanto, o problema de pesquisa deste trabalho é: quais são os principais desafios enfrentados pelas mulheres na arbitragem do futebol paulista?

A relevância deste estudo está no papel do jornalismo radiofônico, por meio do *podcasting*, de explorar temas sub-representados nas grandes mídias e evidenciar as dificuldades enfrentadas pelas árbitras de futebol em São Paulo. Além disso, é importante promover uma mudança na abordagem jornalística a fim de dar mais visibilidade às mulheres árbitras. Desse modo, o trabalho pode contribuir para a transformação da cobertura esportiva e para a luta por equidade no quadro da arbitragem paulista.

O objetivo geral do trabalho é produzir uma série de reportagens radiofônicas, em formato de podcast, para apresentar as principais dificuldades enfrentadas por mulheres na profissão de árbitras de futebol no Estado de São Paulo. E os objetivos

específicos são: resgatar a história da presença feminina na arbitragem de futebol; identificar os obstáculos para que as mulheres entrem nessa profissão, permaneçam e cresçam na carreira; e comparar a presença de mulheres em relação à de homens nos quadros de arbitragem dos principais campeonatos masculinos e femininos do estado de São Paulo.

Por fim, é interessante explicar a estrutura deste relatório. O primeiro capítulo trouxe uma introdução ao tema, a justificativa e os objetivos deste Trabalho de Conclusão de Curso. Já o segundo aborda a fundamentação teórica, com conceitos sobre o gênero e o formato do trabalho. A terceira parte apresenta a metodologia de produção, com as etapas de pré-produção, produção e pós-produção do “Vozes do Apito”. Já o quarto capítulo descreve o resultado do produto e os custos de execução, e na quinta e última parte estão as considerações finais sobre o processo de produção do trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A internet mudou a lógica de produção do radiojornalismo brasileiro. Por mais que essa inovação midiática tenha provocado receio aos produtores de rádio, “com o passar dos anos, a internet mostrou que não veio para destruir os demais meios de comunicação, mas sim para englobá-los em um único espaço” (Lopes; Santos, 2017, p. 55). Nesse sentido, o *podcasting* é um exemplo de reinvenção do meio radiofônico.

Em entrevista à Revista Esquinas, o professor Marcelo Abud disse que “podcast é rádio, por fazer parte da linguagem radiofônica, porém distribuído de outra forma” (Amorim, Santarlasci, Pereira *et. al*, 2023). Já Débora Lopez (2024, p. 12) define que o podcast

Se configura como um fenômeno multifacetado e complexo, que potencializa a experiência radiofônica por meio da proximidade, do trabalho cuidadoso da narrativa sonora, do diálogo e das dinâmicas de escuta, imbricando-a à onipresença e ao enredamento que marcam a comunicação digital.

Trinca e Figueiredo (2022) definem os podcasts em duas categorias – conversados e seriados – subdivididas em quatro formatos – entrevista, *mesacast*, jornalístico e narrativo. Os conversados são os compostos pelo diálogo entre duas ou mais pessoas. Eles podem ser em formato de entrevista ou de *mesacast*, uma

espécie de mesa-redonda. Já os seriados são formados pela narração e seguem um roteiro estruturado. Eles podem ser jornalísticos, com uma pauta norteadora e fontes externas de informação, ou narrativos, quando o fio condutor é uma história com personagens que podem ser reais ou fictícios.

Débora Lopez e José Henrique da Mata afirmam que os gêneros jornalísticos assumem formas específicas para se adequarem ao rádio. “A própria classificação dos gêneros jornalísticos no rádio é singular, já que não são todas as categorias abordadas no impresso que se adequam à sua forma” (Lopez; Mata, 2009, p. 14-15). Diante disso, este trabalho consiste na produção de uma série de reportagens em formato de podcast jornalístico, a partir do gênero interpretativo (Beltrão, 1976).

Sobre os gêneros jornalísticos, Luiz Beltrão (1976) os classificou em informativo, opinativo e interpretativo. No gênero interpretativo, encontra-se a reportagem em profundidade, conceituada como “objetivismo multiangular da atualidade apresentado pelos agentes da informação pública para que nós próprios, os receptores, o analisemos, joguemos e possamos agir com acerto” (Beltrão, 1976, p. 46). Nesse caso, “objetivismo multiangular” refere-se à tentativa de mostrar várias facetas de um mesmo fato, a fim de enriquecer o trabalho do jornalista.

Marcelo Kischinhevsky (2024, p. 91) ressalta a importância da representação e da diversidade de narrativas e vozes para que não se propaguem estereótipos sobre grupos minoritários ou minorizados.

A representação de outras vozes, fora do velho padrão radiofônico, é um caminho poderoso para a formação de vínculos afetivos, para a construção de comunidades organizadas em torno do áudio e para a própria afirmação de identidades individuais e coletivas (Kischinhevsky, 2024, p. 97).

Ainda conforme os estudos de Kischinhevsky, o autor defende que “na perspectiva da audiência, podcasts têm o potencial de estreitar vínculos afetivos, fomentar um sentido de comunidade, seja linguística, territorial ou em termos de afinidades políticas, étnicas, de gênero ou culturais” (Kischinhevsky, 2024, p. 99).

Ele também estuda as características dessa prática radiofônica e a define como uma linguagem que se aproxima da contação de histórias. “No *podcasting*, esse novo formato se manifesta com características específicas, como o uso de trilha sonora para evocar sentimentos – afeto, medo, raiva – e sensações – suspense, alegria” (Kischinhevsky, 2024, p. 135).

Carolina Firmino (2014, p. 43) elabora que, no contexto esportivo, há “a constante dicotomia entre masculino e feminino: enquanto os homens são historicamente responsáveis pela dominação no esporte, as mulheres são a camada marginalizada que busca combater preconceitos e fortalecer sua identidade”.

Na mesma linha de pensamento, a autora Aira Bonfim (2019, p. 11) estabelece que “a ausência de narrativas sobre a presença e a participação de mulheres nas mesmas fontes de imprensa que conformaram o campo esportivo masculino cria a tendência do tratamento do homem como sujeito universal”. Por isso, Érika Araújo (2023) escreve sobre a importância de pesquisas sobre a presença feminina no esporte:

Ao estudar a mulher nesse contexto, temos um reflexo do lugar ocupado socialmente por figuras femininas e dos efeitos de uma trajetória histórica de busca por equidade, além de um retrato das funções sociais e culturais desempenhadas pelo jornalismo.

Nesse sentido, por mais que a quantidade de mulheres no esporte tenha aumentado, a sub-representatividade das mulheres na arbitragem paulista ainda limita as experiências femininas nesse campo. “A chegada das mulheres a determinados cargos no esporte [...] tem sido tensionada na atualidade, mas ainda assim fica evidente o poder exercido pelo cargo historicamente ocupado pelos homens” (Monteiro *et. al*, p. 9., 2015).

A fim de subsidiar a produção técnica deste trabalho, foram consultados principalmente os livros sobre radiojornalismo e técnicas de entrevista. Para a produção radiofônica, as obras de Luciano Maluly e Rafael Venancio (2018) e de Robert Mcleish (2001). Por fim, quanto às técnicas para entrevistas, a principal obra de referência foi de Cremilda Medina (2008).

3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

Este trabalho foi feito a partir de uma metodologia de execução, que une a abordagem qualitativa com revisão bibliográfica e pesquisa aplicada. Foram usadas técnicas jornalísticas para apuração de dados e entrevistas. Além disso, a pesquisa bibliográfica centrou a análise nos principais campeonatos paulistas nas modalidades feminina e masculina.

Alguns dos temas abordados nas reportagens são: histórico e pioneirismo do Brasil na arbitragem feminina; ingresso e permanência na carreira – com foco em

questões físicas, idade, perspectivas de futuro na profissão – erros de arbitragem, preconceito e capacitação; e salários, oportunidades e a arbitragem como um trabalho informal.

3.1 Pré-produção

As etapas de pré-produção do “Vozes do Apito” são a elaboração da pauta, a coleta de dados e a definição dos entrevistados. O primeiro passo foi a elaboração das pautas, a partir de pesquisas em artigos científicos, reportagens, vídeos e outras fontes de busca na internet. Foram coletados dados quantitativos, informações históricas e possíveis candidatas à entrevista.

No total, mais de 40 fontes foram contatadas, mas muitas não deram qualquer tipo de retorno. Como a maioria não tinha um endereço de e-mail de fácil acesso, os convites foram enviados majoritariamente pelo canal de mensagens diretas do Instagram. O critério utilizado para selecionar as fontes foram dois diferentes, sendo o primeiro a experiência na profissão e o segundo a especialidade em algum tema relacionado ao universo da arbitragem. Por fim, nove fontes concordaram em participar do podcast: Ana Paula Oliveira, Camila Soares, Carla Vieira, Carolina Bitetti, Celso Unzelte, Íris Rodrigues, Izabele de Oliveira, Renata Ruel e Silvia Regina de Oliveira.

A Ana Paula de Oliveira e a Silvia Regina são ex-árbitras e hoje atuam na gestão e instrução da arbitragem paulista. A Renata Ruel também é ex-árbitra e atua como comentarista dos canais ESPN Brasil. Já as entrevistadas Íris Rodrigues e Izabele de Oliveira ainda atuam na profissão, sendo uma árbitra central no futebol amador de Bauru/SP e a outra árbitra assistente da Federação Paulista de Futebol e da Confederação Brasileira de Futebol.

Os especialistas em temas relacionados ao universo da arbitragem são a psicóloga esportiva, Carolina Bitetti, a médica e diretora da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte, Carla Vieira, a zagueira da Associação Ferroviária de Esportes, Camila Soares, e o professor universitário, pesquisador e comentarista dos canais ESPN Brasil, Celso Unzelte.

3.1.1 Cronograma de execução

O cronograma de execução deste projeto considerou um semestre de atividades com início em janeiro de 2026 e término em junho do mesmo ano, conforme mostra o quadro a seguir.

Quadro 1 – Cronograma de atividades

Atividade / Meses	1	2	3	4	5	6
Revisão bibliográfica de obras pertinentes ao tema e aos conceitos: Radiojornalismo, Podcast, Mulheres no Esporte/Futebol, Arbitragem, Arbitragem Feminina	X					
Elaboração das pautas, coleta de dados, definição dos entrevistados e realização das entrevistas	X	X				
Análise dos dados coletados e elaboração dos roteiros		X	X			
Locução, edição das reportagens, elaboração de identidade visual e finalização do produto				X	X	
Entrega do produto para revisão do orientador e desenvolvimento do relatório técnico					X	
Ajustes e entrega para a banca						X

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

3.2 Produção

Na etapa de produção do “Vozes do Apito”, foram realizadas entrevistas, análise dos dados coletados e elaboração dos roteiros, além de locução e edição das reportagens.

As entrevistas foram feitas remotamente por meio da plataforma de videoconferência Google Meet. A duração de cada uma variou de acordo com a categoria da fonte (árbitra ou especialista) e a quantidade de perguntas elaboradas de acordo com a necessidade do podcast. Todas as entrevistas foram gravadas com autorização prévia das participantes e transcritas com auxílio da inteligência artificial da plataforma gratuita Turbo Scribe – disponível em: turboscribe.ai.

Os roteiros foram redigidos de acordo com a linguagem radiofônica, que preza por uma linguagem clara e simples. Recursos recorrentes são o uso de frases

curtas e na ordem direta e o equilíbrio entre a norma culta e a fala coloquial. O episódio começa com um jogo marcante relacionado à carreira de cada protagonista e, ao decorrer do roteiro, outros elementos vão sendo inseridos para abordar aspectos relevantes relacionados à arbitragem no Estado de São Paulo. Cada um dos roteiros apresenta dois entrevistados, além de reportagens disponíveis no YouTube e outras fontes de informação, como artigos científicos e material jornalístico.

Esses elementos se intercalam com a narração do podcast, também realizada pela autora. A locução é o principal instrumento para a comunicação radiofônica e, neste caso, foi elaborada para transmitir de maneira clara e objetiva as nuances de cada roteiro e as realidades apresentadas no decorrer do podcast. Ela foi realizada no Laboratórios Didáticos de Rádio e Televisão (LAB-RTV) do câmpus da Unesp em Bauru. Portanto, tiveram participação neste trabalho os profissionais que atuam no LAB-RTV: Ivo G. Lemos de Almeida, José B. Guerreiro, Juvercy M. da Silva e Lívia C. de Souza Rodrigues.

A edição dos episódios foi feita pelo programa Audacity, plataforma gratuita e de livre acesso. A vinheta foi elaborada pela autora com a participação de outras três graduandas em Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) do câmpus da Unesp em Bauru: Agata Eduarda Bueno de Oliveira, Júlia Sartori Hilsdorf e Raquel Passos Freire.

O uso de trilhas e efeitos sonoros contribui para a imersão do ouvinte no universo esportivo e na realidade apresentada em cada parte do “Vozes do Apito”. Tanto os efeitos sonoros quanto as músicas usadas na vinheta e no *background* (BG) foram selecionadas e baixadas gratuitamente nas plataformas Blue Dot Sessions – disponível em: www.sessions.blue – e Pixabay – disponível em: pixabay.com/pt/sound-effects e pixabay.com/pt/music.

3.3 Pós-produção

Na pós-produção, foram feitas a elaboração de identidade visual e a veiculação na plataforma de áudio Spotify. A identidade visual foi elaborada pela autora no Canva usando recursos gráficos disponíveis no banco de elementos da categoria Canva Pro (a assinatura usada foi a oferecida gratuitamente para

estudantes). A principal cor escolhida é o verde, que remete aos gramados do futebol. Além dessa, outras cores selecionadas foram o azul marinho e ciano, usadas na tipografia e empregadas para dar contraste entre o título e o fundo da imagem.

As fotografias das árbitras e ex-árbitras protagonistas dos episódios foram implementadas em tons de preto e branco para manter o padrão visual e a harmonia entre todas as imagens. A seguir, podem ser vistos a capa do podcast para o Spotify e um exemplo de capa dos episódios.

Figura 1 – Capa do podcast



Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Figura 2 – Capa do segundo episódio



Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

Após finalizada a etapa de produção do “Vozes do Apito”, os episódios passaram pela revisão do orientador e ajustes finais pela autora. A partir disso, foi criado um podcast no Spotify, plataforma que centraliza milhares de produções sonoras jornalísticas. Todos os episódios estão disponíveis de forma gratuita neste [endereço eletrônico](#).

4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO JORNALÍSTICO

O produto foi dividido em cinco episódios que abordam vários aspectos da atuação de uma árbitra de futebol em São Paulo. Cada um deles apresenta uma árbitra que atua ou já atuou nos gramados paulistas e um especialista para ampliar a

discussão sobre alguns aspectos relevantes à profissão. Os títulos foram inspirados e escolhidos a partir das palavras das próprias entrevistadas, reforçando a proposta do podcast de dar visibilidade às vozes da arbitragem paulista.

Quadro 2 - Relação de entrevistados e temas por episódio

Ep.	Título	Entrevistados	Temas
1	Não era só mais um jogo	Silvia Regina e Celso Unzelte	• Inserção de mulheres na profissão; • Condições de trabalho; • Pioneirismo brasileiro na arbitragem feminina.
2	Foi uma decisão política	Ana Paula Oliveira e Silvia Regina	• Preconceito contra as mulheres na arbitragem; • Dificuldades da transição de carreira; • Papel da gestão na equidade de gênero no esporte.
3	Se a gente desiste, eles vencem	Renata Ruel e Camila Soares	• Representatividade feminina na arbitragem; • Remuneração das profissionais; • Papel da mídia no combate ao machismo no esporte.
4	Se a minha voz for ouvida	Íris Rodrigues e Carolina Bitetti	• Árbitras no futebol amador; • Fatores para a consolidação na carreira; • Saúde mental na arbitragem.
5	Que outra mulher sempre vença	Izabele de Oliveira e Carla Vieira	• Dedicação exclusiva à carreira; • Preparação física das árbitras; • Particularidades do corpo feminino no esporte.

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

4.1 Público-alvo

Este trabalho tem como público-alvo todas pessoas interessadas pelo futebol, especialmente dirigentes, torcedores, jogadores, integrantes de comissão técnica e árbitros. Os ouvintes são indivíduos que buscam ativamente a contextualização da prática esportiva e consomem conteúdo jornalístico sobre assuntos além dos abordados na mídia tradicional.

4.2 Custos de execução

Todas as entrevistas foram realizadas de forma on-line, de modo que não houve custo com deslocamento. As gravações foram feitas nos estúdios da Central de Laboratórios de Informática da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) do câmpus da Unesp em Bauru. Os custos previstos podem ser vistos no quadro a seguir.

Quadro 3 – Custos para realização do projeto experimental

Item	Valor
Celular e notebook	R\$ 0 (recursos próprios)
Estúdio de gravação	R\$ 0 (recurso da Universidade)
Acesso à internet	R\$ 100 / mês (despesa pessoal)
Energia elétrica	Variável (despesa pessoal)

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O produto radiofônico cumpriu seu objetivo ao resgatar a história da presença feminina na arbitragem de futebol, identificar os obstáculos para que as mulheres entrem nessa profissão e cresçam na carreira e comparar a presença de mulheres em relação à de homens nos quadros de arbitragem dos principais campeonatos masculinos e femininos do Estado de São Paulo.

O principal desafio da produção foi encontrar pessoas dispostas a participar do podcast, principalmente as árbitras que ainda atuam na profissão. Como a rotina de jogos é muito intensa e pouco previsível, diversas vezes a autora precisou lidar com empecilhos de remarcar datas de entrevista, não obter respostas ao convite ou de recusa da participação no projeto.

Apesar disso, as fontes entrevistadas compõem uma diversidade de temas e experiências que enriquece a produção e dá luz às questões muitas vezes não abordadas na mídia tradicional. Portanto, a autora espera que o “Vozes do Apito” seja ouvido por todos aqueles que desejam a equidade de gênero na arbitragem paulista. E mais do que isso, que todas as vozes sejam ouvidas no futebol e no esporte como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, André; SANTARLASCI, Fernanda; PEREIRA, Gabriel et. al. Com mais de 100 anos de história, ainda existe futuro para o rádio no Brasil? **Revista Intranet Revista Esquinas**, 9 fev. 2023. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/arte-e-cultura/com-mais-de-100-anos-de-historia-ainda-existe-futuro-para-o-radio-no-brasil/>. Acesso em: 25 jan. 2025.
- ARAÚJO, Érika A. de. **Mulheres em campo: gênero no jornalismo esportivo brasileiro**. Curitiba: Appris, 2023.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- BONFIM, Aira. F. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. 2019. 217 f. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, Brasil, 2019.
- EVANGELISTA, Marcela S. **Mulheres representam 16% do quadro de arbitragem da CBF**. Medium, 22. jan. 2025. Disponível em: <https://medium.com/@marcelaevangelista/mulheres-representam-16-do-quadro-de-arbitragem-da-cbf-891c2dc2eabd>. Acesso em 22 jan. 2025.
- FIRMINO, Carolina B. **“Sou Atleta, Sou Mulher”: A Representação Feminina Sob Análise Das Modalidades Mais Noticiadas Nas Olimpíadas De Londres 2012**. 2014. Dissertação de Conclusão (Mestrado em Comunicação Midiática) – FAAC – Unesp, sob orientação do prof. Dr. Mauro de Souza Ventura, Bauru, 2014.
- JANUÁRIO, Soraya Barreto. Modos de Ver: a (in)visibilidade feminina enquanto profissional do esporte. In: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, RJ, 4 a 7 set. 2015. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em: <https://cev.org.br/media/biblioteca/4028059.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2025.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais: Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura do podcast: reconfigurações do rádio expandido**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024.
- LOPEZ, Débora C; MATA, José Henrique da. Os gêneros jornalísticos e sua aplicação no radiojornalismo. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 1-16, 2009. Disponível em: www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina. Acesso em: 23 jan. 2025.
- MALULY, Luciano V. B.; VENANCIO, Rafael D. O. **Roteiros em Radiojornalismo**. São Paulo: PREXNAMID-UFU, 2018.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

MONTEIRO, Igor Chagas; SOARES, João Paulo Fernandes; MOURÃO, Ludmila. Saindo da “posição de impedimento”: as árbitras brasileiras no futebol profissional. XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. **Anais** [...] Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2015, p. 1-15. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/viewFile/6875/3636>. Acesso em: 22 jan. 2025.

MONTEIRO, Igor Chagas et. al. Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional. **Rev. Motriviv.**, Florianópolis, v. 32, n. 63, 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-80422020000300124&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 jan. 2025.

ROCHA, Amara S. de S. Mídias e identidades: as práticas de consumo de rádio e televisão nos anos 1950/1960. **ANPUH – XXIII Simpósio Nacional De História**, Londrina, p. 1-8, 2005. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206372_c333a76dd7566f493198c28c7e762029.pdf. Acesso em: 22 jan. 2025.

ROVAROTO, Isabela. **Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo**. Exame, Pop, 21 mar. 2022. Disponível em: <https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/>. Acesso em: 24 jan. 2025.

RUBIO, Katia; VELOSO, Rafael Campos. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 122, p. 49-62, 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/162617>. Acesso em: 22 jan. 2025.

SANTOS, Ineildes C.; MESSEDER, Suely A. A influência cultural na fisiologia do corpo sexuado vinculado à hegemonia masculina na divisão sexual do trabalho na arbitragem em futebol. **Ambivalências**, São Cristóvão-SE, v. 2, n. 3, p. 170-193, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Ambivalencias/article/view/3128>. Acesso em: 24 jan. 2025.

TRINCA, Mayra D.; FIGUEIREDO, Simone P. de. Formatos de Podcasts: uma nova proposta de classificação baseada em estruturas. **Anais** do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Universidade Federal do Paraíba (UFPB), 2022.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista Silvia Regina

Entrevista - Silvia Regina Oliveira

1ª árbitra a apitar uma partida de Copa Sul-Americana masculina; primeiro trio de árbitras a atuar em partidas do Campeonato Brasileiro masculino Série A.

1 - Informações pessoais:

1. Nome completo e como é conhecida
2. Data de nascimento (para saber a idade na publicação do material)
3. Federação vinculada
4. Escudos (CBF, FIFA, etc.)
5. Cidade onde nasceu e onde mora hoje
6. Atuou em jogos de quais categorias e campeonatos?

2 - Panorama geral:

7. O que é ser árbitra para você? – E ser árbitra mulher?

3 - Ingresso e permanência na carreira: questões físicas, idade, perspectivas de futuro na profissão

8. Como você se tornou árbitra?
 - a. Qual seu ponto de conexão com o esporte, principalmente o futebol?
9. Qual sua trajetória dentro da arbitragem?
10. Você foi a 1ª árbitra a apitar uma partida da Copa Sul-Americana masculina e participou do primeiro trio de árbitras a atuar em partidas do Campeonato Brasileiro masculino Série A.
 - a. Como foi o jogo em que você apitou ao lado de duas mulheres pela primeira vez? Conte sobre aquele dia.
11. Quais foram ou são as suas referências na profissão?
12. Qual foi o jogo mais importante que você apitou? Como foi?
13. Os autores do artigo 'Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional' afirmam que: "A carreira de arbitragem, embora ainda apresente problemas e interdições às mulheres, parece apresentar mais oportunidades de inserção e uma remuneração um pouco melhor comparada a outras funções que elas pudessem exercer dentro do futebol". Considerando a sua vivência e experiência no futebol, qual a sua opinião sobre essa frase?
14. Quais são os fatores centrais para a consolidação das mulheres na carreira de árbitras?
15. O número de mulheres bandeirinhas é maior do que árbitras principais. Por que isso acontece?
16. Você também foi pioneira na instrução do VAR a partir e a primeira mulher a ser observadora de VAR pela CBF, FPF e também Quality Manager VAR pela

CONMEBOL. Qual é o impacto dessa tecnologia no futebol brasileiro e como as mulheres estão ocupando esse espaço?

17. Como você lidava com as exigências dos testes físicos? Na sua opinião, é justo que o teste seja o mesmo para homens e mulheres que desejam apitar futebol de homens?
18. Quais são os principais desafios que você enfrentou nessa profissão como árbitra? As dificuldades mudaram agora que você está num cargo de gestão?
 - a. Por que você não desistiu da arbitragem mesmo com todas as dificuldades?
19. Como foi a sua decisão de aposentadoria? Isso aconteceu com que idade?
 - a. Quais passos foram necessários para fazer a transição de carreira para a Escola de Arbitragem?

4 - Profissionalização da arbitragem: salários, oportunidades, rotina e a arbitragem como um trabalho informal

20. A CBF anunciou um programa de profissionalização da arbitragem brasileira. Nesse quadro de profissionais, as mulheres são minoria nas três categorias: árbitro principal, assistente e VAR. Qual sua opinião sobre essa tentativa de profissionalização?
 - a. Como essa determinação influencia a carreira e a atuação dos árbitros?
21. Na sua perspectiva, a remuneração de árbitra de futebol é suficiente para manter-se financeiramente?
22. Na época em que atuava como árbitra, você tem outro emprego para completar a renda?
 - a. Se pudesse, escolheria trabalhar apenas com a arbitragem? Que diferença isso faria no seu desempenho como árbitra?

5 - Erros de arbitragem, preconceito, capacitação e caminhos para melhorar

23. Como você lidava com os erros em campo? E hoje, numa posição de ensinar, o que você faz para que eles ocorram menos nos campeonatos?
24. Como você ingressou na Escola de Arbitragem da Federação Paulista? Em que ano foi isso?
 - a. Durante esses anos, você observou um aumento no número de mulheres? A senhora enxerga algum fator determinante para isso?
 - b. Foi a primeira mulher na Diretoria da Escola de Árbitros da Federação Paulista de Futebol. Você implementou alguma medida buscando aumentar o número de mulheres na arbitragem?
 - c. Há algo que você ensina especificamente para as mulheres que seja diferente para os homens? Há diferenças entre apitar um jogo de mulheres e um jogo de homens?
25. A senhora já sofreu algum tipo de violência em campo? Como lidou com isso?
 - a. Ameaças; xingamentos; pressão dos/as jogadores/as

26. Não raro, vemos árbitras sendo atacadas pela torcida, por jogadores, dirigentes, etc. Como você se sente em relação a isso e por que as pessoas ainda reproduzem pensamentos preconceituosos?
27. Qual é o papel dos dirigentes de arbitragem na mudança desse cenário?
28. Depois de tudo isso, como você enxerga o cenário da arbitragem feminina atualmente? E o que precisa ser feito para ele melhorar?

Extra: Pensando no meu trabalho e na importância de abranger vários olhares sobre a arbitragem feminina, a senhora indica alguém para eu entrevistar? Alguma árbitra que também tenha feito história, um gestor que foi importante para a mudança de visão na federação, ou algum profissional que não recebe tanta visibilidade na mídia, mas que é muito importante para o funcionamento da arbitragem em São Paulo?

APÊNDICE B – Roteiro do episódio “Não era só mais um jogo”

Vozes do apito: a arbitragem feminina no futebol paulista

Episódio 1 - Não era só mais um jogo

Olá, ouvintes! Eu sou Marcela Evangelista e este é o 'Vozes do apito', um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol paulista. A cada episódio você vai conhecer histórias de mulheres que atuam ou atuaram como árbitras e assistentes nos gramados de São Paulo.

Eu convido você a viajar comigo para a Grécia. Estamos na edição dos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004. O esporte é o futebol, e a modalidade é a feminina. A seleção brasileira está na final da competição em busca da tão sonhada medalha de ouro, mas, do outro lado, a seleção dos Estados Unidos se impõe como favorita ao título. A partida termina empatada e as americanas vencem na prorrogação. Dois a um para elas, medalha de prata para o Brasil.

ILUSTRAÇÃO 4 - Reportagem sobre o jogo Brasil x Estados Unidos - 12”

Mas um fato curioso sobre esse jogo é que mesmo se a seleção não tivesse se classificado para a final, o Brasil estaria lá. Não com as jogadoras, é claro, mas com a arbitragem.

SONORA SILVIA 1 - 48”

Antes da semifinal da Olimpíada, o diretor do departamento de arbitragem da FIFA chamou a mim e mais outras duas árbitras. E falou para a gente, dependendo do emparelhamento, se não tiver Brasil na final, quem vai apitar a final é a Sílvia. Meu Deus, será? Aí eu comecei a torcer para o Brasil não estar na final. Entre elas e eu, eu queria estar na final da Olimpíada, gente. Então, assim, o meu primeiro torneio internacional, o meu primeiro torneio internacional, e já ser convidada, já ser designada para apitar a final, aquilo, para mim, foi uma das notícias mais maravilhosas da minha carreira. Mas o Brasil foi para a final. E aí eu não apitei esse jogo.

Essa é Silvia Regina, a primeira árbitra a apitar uma partida de Copa Sul-Americana masculina, a primeira brasileira a se tornar instrutora FIFA e a primeira diretora da Escola de Árbitros da Federação Paulista de Futebol.

ILUSTRAÇÃO 1 - Narrações que citam a Silvia Regina - 12”

Ela é a protagonista do primeiro episódio do “Vozes do apito”, um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol em São Paulo. Eu, Marcela Evangelista, levo você, ouvinte, para mergulhar nesse universo.

Aqui, vamos falar sobre a inserção de mulheres na carreira de árbitras, as condições de trabalho e o pioneirismo brasileiro na arbitragem feminina. Você ouve agora o episódio: **Não era só mais um jogo**.

Vinheta

No Brasil, as mulheres foram proibidas de jogar futebol entre 1941 e 1979. O decreto-lei assinado por Getúlio Vargas considerava essa e algumas outras práticas desportivas como incompatíveis às condições da natureza feminina.

ILUSTRAÇÃO 5 - Reportagem sobre proibição - 12”

Essas décadas de proibição afastaram as mulheres não só do futebol, mas do esporte brasileiro como um todo. Apesar disso, em 1971, a mineira Léa Campos achou uma brecha no regulamento. A lei proibia *jogar* futebol, mas não falava nada sobre *apitar*. Foi então que ela se tornou oficialmente a primeira mulher a arbitrar um jogo de futebol no mundo inteiro.

Dez anos depois, em 1981, a Federação Paulista de Futebol realizou um curso de arbitragem na cidade de Mauá, que fica na região metropolitana do Estado. Foi nessa ocasião que a jovem Silvia Regina participou das aulas e se formou árbitra. Por muito tempo, ela atuou só em jogos amadores, porque a Federação demorou para colocá-la em uma partida oficial. A Silvia explica como foi o início da carreira em jogos profissionais.

SONORA SILVIA 2 - 55”

E eu me formei árbitra, mas não pensava em apitar de jeito nenhum. Não passava isso pela minha cabeça, sabe? Não que eu não queria apitar. Não passava, porque não existiam mulheres que trabalhavam nesse ramo. Só que aí eu consegui um emprego na Federação Paulista de Futebol. E lá eu conheci duas mulheres que faziam jogos amistosos, jogos não oficiais da federação, campeonatos escolares, campeonatos de clubes que chamavam elas para irem apitar e elas me convidaram para fazer um trio feminino, né. É o primeiro trio feminino da história da arbitragem. E eu falei, é o quê? Ser árbitra de futebol? Não, imagina, tá louco, vou não. Aí elas, não, vamos, vamos, vamos, vamos, e eu fui. Primeiro jogo, aquilo já entrou nas minhas veias e falei, nossa, que legal, que legal que é apitar.

Esse trio era formado pela própria Silvia na arbitragem principal junto com as árbitras assistentes Ana Paula Oliveira e Aline Lambert, ambas de São Paulo. Elas atuaram em diversos campeonatos e, em 2003, apitaram uma partida entre Guarani e São Paulo pela série A do Campeonato Brasileiro Masculino. Foi assim que elas,

junto com a quarta-árbitra Paula Teófilo, formaram o primeiro time de arbitragem inteiramente feminino a apitar na série A do Brasileirão.

ILUSTRAÇÃO 2 - Reportagem sobre o marco histórico - 34”

Esse jogo foi um marco para a representatividade feminina no futebol, mas a Silvia Regina ainda não tinha percebido a dimensão desse acontecimento.

SONORA SILVIA 3 - 1’16”

Naquele instante, naquele momento, para mim, era mais um jogo. Eu vivia assim todos os meus jogos. Este é o meu último jogo, porque a arbitragem feminina naquela época, como hoje, hoje estou escalada, amanhã posso não estar. Hoje tenho um campo aberto, amanhã posso não ter, porque um falou alguma coisa, outro fala outra, isso e aquilo, e as portas vão se fechando. Então, naquele instante, essa partida, para mim, era mais um jogo de futebol. Depois que parei a minha carreira e fui pensando mais no legado, a gente vê a importância daquilo ter acontecido. De quatro mulheres estarem no futebol de alto nível do Brasil, da Federação Paulista e do Brasil, e que isso proporcionou a outras mulheres observarem, puxa, olha, existe essa carreira, existe essa possibilidade. Muitas meninas, elas vêm até mim e falam, puxa Silvia, eu gostei do futebol, comecei a pensar em ser árbitra quando vi você apitando. E isso é maravilhoso, você deixou, quer queira quer não, isso ninguém apaga, deixamos ali um legado eternamente para as mulheres que são árbitras de futebol.

Sobe e desce BG

Apesar das conquistas, as árbitras enfrentaram e ainda enfrentam uma série de desafios na profissão. Os obstáculos vão desde a falta de visibilidade e a exigência dos testes físicos até o preconceito e a falta de profissionalização da arbitragem.

Sobre isso, inclusive, a Confederação Brasileira de Futebol anunciou, em janeiro de 2026, um programa de profissionalização para setenta e dois árbitros. Dessa lista, doze deles atuam no futebol em São Paulo.

ILUSTRAÇÃO 3 - Anúncio e análise sobre a profissionalização - 57”

O projeto vai formalizar o contrato de trabalho com vinte árbitros principais, quarenta assistentes e doze árbitros de vídeo neste primeiro ano. Apenas uma mulher aparece na lista de árbitros principais e, além dela, são dez árbitras assistentes e apenas duas atuando no VAR. Atualmente Silvia Regina é analista e instrutora de arbitragem na Federação Paulista de Futebol. Ela comenta a proposta da CBF.

SONORA SILVIA 4 - 1'27"

Então, você imagina no universo quantos árbitros existem no Brasil, mas aqueles que apitam o Campeonato Brasileiro da Série A, a Série B, eles, felizmente, árbitros e árbitras, e assistentes e VAR, estão com essa profissionalização. Isso é muito bom. Aqueles todos, 99,9% dos profissionais, dos árbitros, que não são profissionais de registro, profissionais de prestadores de serviço mesmo, dá para viver de arbitragem hoje, porque tem muito jogo. Tem jogo todo dia. Tanto nos jogos oficiais das federações, e eu falo pela Federação Paulista, porque em outros estados tem número muito menor de jogos, mas em São Paulo, se pode viver de arbitragem, sim. [...] Agora, a grande maioria tem outra profissão, sim. Geralmente são profissionais liberais, ou são funcionários públicos que podem ter uma maleabilidade de horário, que podem sair, compensar num outro horário. [...] E isso hoje, tanto hoje quanto lá quando eu te disse que era o meu principal desafio, ele existe e vai continuar por muito tempo assim, porque é muito jogo de futebol, precisaria profissionalizar muitas pessoas.

A CBF calcula um investimento de cento e noventa e cinco milhões de reais com a arbitragem no biênio de 2026 e 2027. Apesar do alto valor, o investimento não tem se refletido na melhoria das condições de trabalho de grande parte dos árbitros brasileiros. O professor universitário e comentarista da ESPN, Celso Unzelte, observa que a arbitragem é a única função ainda não profissionalizada no futebol.

SONORA CELSO 1 - 1'03"

Só o árbitro não é profissional no futebol. Todo mundo é profissional, tudo é profissional. Só a arbitragem ainda é tratada como um caso à parte. Então, é urgente que se preparem os árbitros da mesma maneira que se preparam todos os profissionais envolvidos na prática do futebol. O árbitro não é profissional, mas ele continua funcionando, inclusive, como um outdoor de marcas. Na hora que joga moedinha tem que falar da oferta A e da oferta B da loja que está patrocinando o campeonato. E ele é pago como um freelancer, pago por empreitada. Vai ter que ter a profissionalização. Acho até que essa iniciativa da CBF é tardia, não faz mais do que obrigação. E não é só profissionalizar, é preparar, é reciclar. As reciclagens de árbitros hoje levam do nada a lugar nenhum. O árbitro é afastado por questões políticas, vai para uma geladeira e volta da mesma maneira que saiu. Então, a arbitragem, infelizmente, ainda não é profissional, mas tem que ser.

Enquanto alguns recebem salário fixo e melhoram suas condições de trabalho, muitos outros ainda lidam com a dificuldade de se estabelecer financeiramente com outros empregos além da arbitragem. E essa é uma realidade que já existe há muito tempo...

SONORA SILVIA 5 - 54”

Os principais desafios, quando eu era árbitra, era conciliar o meu trabalho do dia a dia, porque eu não era profissional, porque não existia isso, eu tinha atitude profissional, tinha um treinamento profissional, eu trabalhava em jogos de futebol profissional, mas eu não tinha uma carteira assinada, eu não tinha um salário extra para poder pagar a minha fisioterapia, eu pagava a minha fisioterapia, eu pagava o meu nutricionista, eu pagava a minha academia, eu pagava os meus treinamentos, o meu preparador físico. [...] Eu dava aula na prefeitura de Santo André. Esse era o principal desafio, como conciliar, como apitar um São Paulo e Corinthians e trabalhar segunda-feira na prefeitura, e continuar me mantendo fisicamente e tecnicamente bem para um próximo jogo.

A arbitragem mudou muito desde a época em que a Silvia Regina apitava. Hoje, o futebol é mais veloz, existem mais disputas e pequenos contatos que podem ser ou não infrações. Uma das principais diferenças, no entanto, é a quantidade de câmeras.

Com o aumento do número de partidas sendo transmitidas pela televisão ou pela internet, os árbitros ficaram mais vulneráveis a uma visão limitada em relação àquela transmitida para a audiência.

SONORA CELSO 2 - 1’08”

Acho que está muito mais difícil porque o árbitro deixou de ser aquele cara sozinho que vê o lance de uma maneira que só ele vê. Hoje é o contrário. Hoje todo mundo vê melhor do que ele vê. Então ficou muito mais difícil, o árbitro de futebol ficou muito mais exposto. Antigamente era ele, e em alguns jogos que nem transmissão tinham, a própria repetição de imagens era muito mais difícil do que é hoje. Hoje qualquer pessoa manda para o grupo de amigos a imagem quase que instantaneamente. Então eu diria para você que mais do que difícil ficou uma covardia. Ficou humanamente impossível agradar todo mundo. Você nunca vai agradar mesmo. O torcedor de futebol, na verdade, não quer imparcialidade, ele quer sempre a parcialidade para o lado dele. Ele sempre vai enxergar uma minúcia, vai ignorar completamente qualquer argumento que seja embasado nas regras, e aí se torna uma tarefa muito difícil. Acho até que aos árbitros deveria ser dado o direito de defesa, de publicamente explicar por que marcou uma falta, por que não deu um pênalti, por que decidiu por algum lance.

Sobe e desce BG

Ser árbitra é organizar um jogo de futebol e fazer com o espetáculo aconteça da melhor forma possível para o público. Cumprir as regras do jogo é garantir segurança para os jogadores e justiça para os adversários. Não é fácil desempenhar essa função no cenário esportivo brasileiro, mas a dificuldade aumenta quando levamos o gênero em consideração na arbitragem.

E isso não se restringe à função de árbitra, porque as mesmas dificuldades se aplicam em outros contextos femininos no futebol, como observa Celso Unzelte.

SONORA CELSO 3 - 54”

Bom, antes era proibido, depois continuou sendo mal visto, né. [...] Acho que tivemos uma melhora, mas também, antes, pior do que era impossível. Pior do que a proibição, pior do que a perseguição. Tivemos poucas mulheres em cargos de comando, e acho que essa é uma coisa específica da arbitragem. A arbitragem é comando, é comando em campo, e se é negado o espaço às mulheres, o espaço de comando é mais negado ainda. [...] Já houve uma pequena melhora, mas o parâmetro realmente não vale. Pior do que proibir que a prática não pode ser. Então, é a situação que a gente vive. Uma situação menos ruim do que já foi, mas ainda muito aquém do que merece o futebol feminino e o papel da mulher em qualquer ramo de atividade.

Ainda há um longo caminho a ser percorrido para alcançar a equidade de gênero na arbitragem paulista, mas para Silvia Regina, a solução é não ficar em silêncio.

SONORA SILVIA 6 - 33”

Continuar nos fazendo ouvir. Nós temos que, se existe um acréscimo de número de mulheres na arbitragem, é aquelas que estão falando, olha, existe esse campo, não confrontar ninguém, não dizer, ah, não estão escalando a gente, que isso não vai levar a nada. Sabe? Seguir junto, seguir junto com todas as pessoas que comandam a arbitragem, de forma geral, e divulgar isso para todas as mulheres, que existe essa possibilidade.

Sobe e desce BG

Você ouviu 'Vozes do apito', um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol paulista. Este episódio usou trechos de produções do Canal no YouTube do Paulistão, Globo Esporte, da Rede Globo, Canal no YouTube Braune Esportes, BBC News Brasil, Confederação Brasileira de Futebol e ESPN Brasil.

O podcast “Vozes do Apito: a arbitragem feminina no futebol paulista” faz parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo na Unesp em Bauru.

Todas as etapas deste projeto foram produzidas por mim, Marcela Evangelista, sob a orientação do professor José Carlos Marques.

Vinheta de encerramento

APÊNDICE C – Roteiro do episódio “Foi uma decisão política”

Vozes do apito: a arbitragem feminina no futebol paulista

Episódio 2 - Foi uma decisão política

Olá, ouvintes! Eu sou Marcela Evangelista e este é o 'Vozes do apito', um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol paulista. A cada episódio você vai conhecer histórias de mulheres que atuam ou atuaram como árbitras e assistentes nos gramados de São Paulo.

O convite agora é para uma viagem ao Maracanã, no Rio de Janeiro. Desembarcamos na partida entre Botafogo e Figueirense pela semifinal da Copa do Brasil de 2007. O Figueirense venceu o jogo de ida por 2 a 0 em Florianópolis e, por isso, o Botafogo precisa de pelo menos três gols para reverter o placar.

E eles até chegam a balançar as redes, mas dois gols são anulados pela árbitra assistente da partida.

ILUSTRAÇÃO 1 - Reportagens sobre Botafogo x Figueirense

Todos os árbitros estão sujeitos a situações como essa dentro de campo. Afinal, qual profissional nunca errou? Fato é que esse jogo marcou negativamente a carreira da árbitra Ana Paula Oliveira, e os erros dessa partida geraram muitas consequências.

Ela perdeu não só espaço no quadro de arbitragem nacional, mas também deixou de fazer parte do quadro da FIFA. E mesmo depois de quase duas décadas, ela ainda é lembrada frequentemente sobre a fatídica ocasião.

SONORA ANA 1 - 28”

No ano de 2007 eu perdi o escudo da FIFA porque cometi um erro, e aí eu te pergunto, quantos homens não cometeram erros piores do que eu cometi, e foram pra mundiais? Eu cometi um erro milimétrico, e até hoje eu pago por isso nas redes sociais, pelos haters. Depois de 20 anos eu tive coragem de falar sobre isso, porque isso foi uma decisão política, a decisão política foi penalizar uma mulher, e não um homem, e a gente precisa lutar contra isso.

Você ouviu a voz da Ana Paula Oliveira, uma das primeiras a receberem o reconhecimento na arbitragem feminina. Com um currículo cheio de pioneirismos, ela foi a primeira mulher a atuar como árbitra assistente em uma final do Campeonato Paulista, a primeira a apitar na Libertadores e a primeira mulher a se tornar presidente da Comissão de Arbitragem da Federação Paulista de Futebol.

ILUSTRAÇÃO 2 - Narração e apresentação positiva da Ana Paula

Ela é a protagonista do segundo episódio do “Vozes do apito”, um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol em São Paulo. Eu, Marcela Evangelista, levo você, ouvinte, para mergulhar nesse universo.

Aqui, vamos falar sobre o preconceito contra as mulheres na arbitragem, as dificuldades da transição de carreira e o papel da gestão na equidade de gênero no esporte. Você ouviu agora o episódio: **Foi uma decisão política**.

Vinheta

Todos os árbitros de uma federação partem do mesmo lugar. Eles têm as mesmas aulas, instrutores, avaliações e treinamentos. É a mesma equipe que faz a escala dos jogos e os mesmos profissionais que analisam como foi o desempenho de cada um. Mas será mesmo que existe igualdade na arbitragem paulista?

SONORA ANA 2 - 50”

Eu sofri muito e sofro até hoje, não estou dizendo que essa nova geração não sofre, mas não se compara ao que a gente viveu. Eram outros tempos, eu acho que hoje nós mulheres temos voz, o que a gente não tinha a vinte anos atrás, acho que é importante frisar isso. [...] As minhas antecessoras brigaram, mas não tiveram o reconhecimento que eu tive. Quando eu cheguei, eu tive que brigar com o preconceito, eu tive que provar por N situações que eu era competente, que eu sabia o que eu estava fazendo, que eu dominava as 17 regras. Até hoje tem muita gente, como comentarista, que a gente vai comentar algo, as pessoas falam, o que essa mulher está comentando, tem que lavar a roupa, não entende nada de futebol. E aí até para alguns eu respondo, por favor, vá pesquisar sobre a minha trajetória. Então, assim, ainda existe essa desqualificação pelo fato de sermos mulheres trabalhando num campo masculino.

Quando as mulheres começaram a entrar no futebol, os estádios não estavam preparados para recebê-las. Muitas vezes, as árbitras tinham de dividir o vestiário com os colegas homens e revezar o espaço para usar o chuveiro ou se trocar.

Mas com o crescimento da presença feminina na arbitragem, os times começaram a estruturar seus estádios para dar pelo menos as condições mínimas de trabalho para as profissionais. E, de fato, essa realidade já melhorou muito.

Hoje, vemos com mais frequência a presença de mulheres em times de arbitragem, seja com homens ou até mesmo uma equipe inteiramente feminina. Foi o caso de um jogo do Campeonato Brasileiro Masculino de 2024, quando oito mulheres apitaram o jogo entre Internacional e Atlético Goianiense.

ILUSTRAÇÃO 3 - Narrações do jogo Internacional x Atlético Goianiense

A imprensa divulgou essa partida como se fosse a primeira tendo uma equipe cem por cento feminina na arbitragem. Mas você sabe que não foi bem assim, né?

A primeira vez de um time inteiro formado por mulheres na arbitragem ocorreu em 2003 com as árbitras Silvia Regina, Ana Paula Oliveira, Aline Lambert e Paula Teófilo.

Mas é importante ressaltar que o jogo de 2024 também tem grande importância na história esportiva e na luta das mulheres por equidade, pois foi o primeiro time feminino com a configuração de oito profissionais a apitar na série A do Brasileirão. A Ana Paula defende o papel fundamental das árbitras na construção de um ambiente mais respeitoso no esporte.

SONORA ANA 3 - 29”

Acho que a arbitragem feminina contribui e contribuiu muito para o crescimento do futebol feminino, para a gente discutir a participação da mulher no cenário do futebol. Porque, naquela época, existiam as mulheres jogando, mas não tinha a infraestrutura que se tem hoje. E eu lembro que nós, naquele momento, a gente militou, a gente brigou para que tivesse uniforme feminino, porque a gente usava uniforme masculino, a gente lutou para que tivesse os vestiários para homens e para mulheres.

Sobe e desce BG

A forma de apitar um jogo mudou muito desde o início dos anos 2000. Antes, os árbitros não precisavam necessariamente saber quem era cada jogador para ter um bom desempenho em campo. Mas hoje, os árbitros devem conhecer as características físicas, técnicas e táticas dos jogadores e das equipes, como relata a ex-árbitra e instrutora da Federação Paulista de Futebol, Silvia Regina.

SONORA SILVIA 7 - 1’04”

A gente pergunta assim, quando começa a preparação para a sua partida? A gente pergunta para os nossos alunos da escola de árbitros. Ah, começa quando a gente recebe a escala. Aí, a gente vai ver onde é o jogo. A preparação para a sua partida começa muito antes disso. Começa no seu histórico profissional. [...] Porque assim como os árbitros pesquisam os jogadores, os analistas de desempenho pesquisam os árbitros. E se você já tem o histórico de ser disciplinador, de ser uma pessoa que não permite determinadas situações no campo de jogo, de protestos, de falta de educação com você, você já vai chegar com essa página ali naquele jogo. [...] Eu vou dizer... Ah, tinham respeito? Não tinham respeito nada. Eles tinham medo. Eles tinham medo. E, ok, para mim, naquela época, pioneira, primeira, década de 80, está tudo bem isso. Era assim que eu conseguia apitar. Hoje, não. Hoje não dá para

ser assim. Ah, tem que ter medo. Não, tem que ter respeito. Você tem que produzir a sua carreira para que o jogador te respeite.

A trajetória mais comum de uma árbitra é a seguinte: jogos da base masculina, campeonatos femininos e, finalmente, as partidas profissionais masculinas nacionais e internacionais.

No caso da Federação Paulista de Futebol, a idade máxima para atuar na arbitragem é de quarenta e cinco anos, de acordo com o regulamento em vigor. Mas algumas árbitras decidem parar antes. E os motivos são os mais diversos: desgaste físico, intensidade do treinamento, medo de cometer erros ou até planos de gravidez. A Silvia conta como foi a experiência de pendurar o apito aos quarenta e três anos de idade.

SONORA SILVIA 8 - 1'04"

E aí eu poderia ir até os meus 45 anos de idade como árbitra internacional, mas eu já não suportava mais. Aí tinha as pressões da sociedade também, que infelizmente, quer queira quer não, me afetavam. Já se falava que eu não corria, mesmo correndo igual os homens, imagina se eu não treinar direito, como vai ser meu desempenho no campo de jogo? Aí eu resolvi, não, não consigo mais acompanhar, não consigo mais treinar o suficiente, e como mulher ainda, quanto mais você envelhece, melhor você precisa treinar para manter a mesma condição física, por hormônios e a condição física mesmo da mulher. E aquilo já estava me pesando muito, e as lesões já eram muito grandes. Eu falei, não, eu vou parar, está na hora de parar. [...] E aí eu fui até a Federação avisar que eu não iria apitar mais. Nesse mesmo dia, o diretor do Departamento de Arbitragem, da Comissão de Arbitragem, me falou assim, Silvia, então você vai ser membro da Comissão de Arbitragem, você vai trabalhar aqui com a gente.

Mas nem sempre essa transição é tão suave. Você ouviu no início deste episódio uma história da Ana Paula Oliveira. Então, uma das várias consequências daquele jogo do Botafogo foi a aposentadoria dela no ano de 2010.

SONORA ANA 4 - 52"

Eu sempre fui uma pessoa que sempre olhei anos luz à frente, então eu confesso para você que com 18 anos eu peguei um papel e com 18 anos eu sabia exatamente aonde eu queria chegar com 30, onde eu queria chegar com os 40, onde eu quero chegar nos meus 55 e o que eu tenho para mim aos 60. [...] A minha meta era encerrar minha carreira nos gramados com 35, eu encerrei mais cedo, encerrei com 29 para 30, mas não foi uma escolha minha. Foi uma escolha, como eu disse, de terceiros, né, foi mais uma questão de perseguição política que acabou impactando no meu psicológico. Como eu falei, naquela época a gente não tinha o apoio e suporte que nós temos hoje. E eu acabei perdendo para mim mesma por não ter tido recursos para lidar com tudo que eu estava vivendo naquela época. [...]

Eu tinha desejo de sair do campo, me tornar instrutora, depois de instrutora, gestora. E depois desse processo todo, a minha ideia era escrever um livro e ir para a vida política.

Tanto a Silvia Regina quanto a Ana Paula saíram dos gramados e passaram a atuar na gestão da arbitragem paulista. A grande diferença entre apitar e gerir é que o profissional deixa de se preocupar apenas com o seu próprio jogo e passa a olhar para o todo. E é justamente aí onde está o poder real de transformação. Ter mulheres em cargos de gestão contribui diretamente para que a lógica machista do mundo esportivo seja invertida e mais mulheres passem a ter oportunidade no setor.

ILUSTRAÇÃO 4 - Reportagem sobre Ana Paula como presidente da comissão

Mas não são todos que comemoram a presença feminina em cargos de comando. Ana Paula comenta que, mesmo depois de tudo que conquistou na carreira como árbitra, ainda enfrenta dificuldades por ser uma gestora *mulher*. E atualmente ela ainda desempenha a função de comentarista na Band Esportes e na Rádio Popular em São Paulo.

SONORA ANA 5 - 1'19"

Então, o que eu sinto no cargo de gestão e de comentarista é quando começam a comparar o nosso conhecimento, a nossa forma de olhar, com o comparativo masculino. Eu acho isso extremamente cruel, porque nós olhamos o mundo por uma outra perspectiva e por uma outra ótica, mesmo detendo do mesmo conhecimento. Isso é nosso. Nós não somos iguais. [...] Quando nós mulheres, seja no jornalismo, seja uma executiva, seja uma árbitra, seja uma médica, e ela que atua num campo masculino, ela se destaca, lamentavelmente começam a comparar essa mulher com homem, e aí a gente entra na guerra de gênero, e quando entramos na guerra de gênero, mesmo sem querer, nós somos prejudicadas, porque os homens, eles são corporativistas, eles se ajudam. [...] Eu sou uma das que vou militar muito em prol de nós, mulheres, eu acho que a gente tem que se unir mais, a gente tem que dar mais as mãos, a gente precisa sim dos homens ao nosso lado, não na nossa frente e não atrás da gente, mas ao nosso lado, e a gente precisa lutar por algumas bandeiras, como o não contra o assédio, o assédio moral, o assédio sexual, o não quando a gente fala da violência contra a mulher, porque não é só a violência psicológica, a violência física de fato, de intimidar a mulher, da gente não poder ser a gente, a gente ter que estar presa a dogmas e paradigmas que foi criado por uma sociedade masculina.

Sobe e desce BG

Um dos poderes da gestão é dar à nova geração as oportunidades que não foram dadas para as mulheres que chegaram primeiro. Se hoje temos Edina Batista,

Neusa Back, Daiane Muniz e tantas outras mulheres na arbitragem, é graças ao trabalho coletivo de muitas que vieram antes. E que venham ainda mais.

SONORA ANA 6 - 40”

Foi emocionante ver a Neusa realizando um sonho que era meu, quando eu era menina, sonhava em ir para uma Copa masculina, fazer um jogo, Deus não me deu esse privilégio, mas me deu o privilégio de acompanhá-la e de treiná-la, para que ela realizasse. E vou dizer para você, foi um dos momentos mais felizes da minha vida. A gente acha que a gente é feliz pelas conquistas pessoais nossas, mas quando você vê um sonho seu sendo produzido por uma outra pessoa, e você olhar assim para trás e falar assim, todo o preconceito que eu vivi valeu a pena, porque eu precisei ser gestora, para ver uma árbitra da qual eu sou líder, realizando um sonho que eu não pude realizar.

Vinheta de encerramento

Você ouviu 'Vozes do apito', um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol paulista. Este episódio usou trechos de produções do Esporte Fantástico, da TV Record, SporTV, GE TV e Programa do Jô, da Rede Globo, Mesa Redonda Futebol Debate, da TV Gazeta, Jornada Rádio Colorada, do Sport Club Internacional e Canal do YouTube Independente Esportes.

O podcast “Vozes do Apito: a arbitragem feminina no futebol paulista” faz parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo na Unesp em Bauru.

Todas as etapas de produção deste projeto foram feitas por mim, Marcela Evangelista, sob a orientação do professor José Carlos Marques.

APÊNDICE D – Roteiro do episódio “Se a gente desiste, eles vencem”

Vozes do apito: a arbitragem feminina no futebol paulista

Episódio 3 - Se a gente desiste, eles vencem

Olá, ouvintes! Eu sou Marcela Evangelista e este é o 'Vozes do apito', um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol paulista. A cada episódio você vai conhecer histórias de mulheres que atuam ou atuaram como árbitras e assistentes nos gramados de São Paulo.

Vamos para a capital paulista, no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, mais conhecido como Pacaembu. O ano é 2009 e estão em campo as seleções femininas de Brasil e México para a final do Torneio Internacional Cidade de São Paulo. As jogadoras brasileiras estão dando um baile nas mexicanas e o placar é de 5 a 2. A arquibancada está cheia, e alguns torcedores ficaram do lado de fora do estádio porque não conseguiram um ingresso.

ILUSTRAÇÃO 1 - Narração Brasil campeão do Torneio Internacional

No trio de arbitragem: Sálvio Espínola, Tatiane Sacilotti e Renata Ruel.

SONORA RENATA 1 - 35”

E era um domingo de manhã, um jogo que ia passar na televisão, mas era um jogo feminino, em 2009. E por ser gratuito, além de tudo, eu acho que não era nem só esse fator, mas eu sei de muita gente que foi para o estádio e não conseguiu entrar porque ele lotou. Lotou, então eu acho que aquilo representou muito para mim, muito mais do que até outros jogos que eu poderia citar aqui, você falar assim, nossa, mas esse jogo foi mais pesado. Eu acho que justamente pela representatividade, pelas mulheres, por ser futebol feminino, aquele jogo foi o que mais me marcou.

Essa é a Renata Ruel, ex-árbitra da Federação Paulista e da Confederação Brasileira de Futebol. Ela foi assistente em jogos femininos e masculinos da base ao profissional, e chegou até a atuar em torneios internacionais, mesmo não tendo o escudo FIFA. Atualmente, Renata é comentarista dos canais ESPN.

ILUSTRAÇÃO 2 - Comentários da Renata Ruel na ESPN

Ela é a protagonista do terceiro episódio do “Vozes do apito”, um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol em São Paulo. Eu, Marcela Evangelista, levo você, ouvinte, para mergulhar nesse universo. Aqui, vamos falar sobre a

representatividade feminina na arbitragem, a remuneração das profissionais e o papel da mídia no combate ao machismo no esporte. Você ouviu agora o episódio: **Se a gente desiste, eles vencem.**

Vinheta

Marta, Zico, Taffarel, Cristiane, Cafu... O que esses nomes têm em comum? Todos são ídolos, e o futebol é cheio deles. Cada time tem uma galeria extensa dos maiores craques que já vestiram aquela camisa, cada torcedor escolhe seus jogadores favoritos, e as crianças que desejam seguir nessa carreira elegem um deles para ser sua referência.

Essa escolha pode ser baseada nos ensinamentos cotidianos, na admiração profissional ou até mesmo na semelhança com o ídolo. Mas eles existem em qualquer profissão, até mesmo na arbitragem. Só que quando uma pessoa não vê ninguém parecida com ela na posição que almeja, isso pode fazer ela repensar se aquela carreira é uma opção ou se aquele é mesmo o lugar dela.

Por isso é importante considerarmos a representatividade no esporte, porque ela funciona como um incentivo para todas as pessoas que desejam ser inseridas nesse ambiente.

ILUSTRAÇÃO 3 - Referências da Tati Sacilotti

A ex-árbitra Renata Ruel relembra como foi o início da carreira na arbitragem paulista e destaca a importância da representatividade feminina no futebol.

SONORA RENATA 2 - 1'35"

Quando eu tive a vontade, que eu falei assim, eu quero ser árbitra, tinha 14 anos, e aí eu falei assim, eu quero ser árbitra... eu não tinha referência. Você assistia aos jogos, você não via a mulher apitando, você não via a mulher bandeirando. Então assim, não sei como isso surgiu na minha cabeça, se realmente não tinha visibilidade, você não tinha aquele ponto de atuação. Mas logo quando eu pude fazer o curso de arbitragem, aí foi quando a gente começou a ver Sílvia Regina, Aline Lambert, Ana Paula Oliveira, aquele trio feminino entrando em jogos grandes pela Federação Paulista, depois pela CBF. [...] E a visibilidade é fundamental, porque eu acho que quando você vê mulher ocupando aquele espaço, seja o espaço que for, essa visibilidade desperta desejo em outras, falam, pô, então eu posso ocupar esse lugar também, se eu tenho esse sonho, eu já vi alguém que lutou e conquistou [...] o que for, a hora que você olha uma mulher ocupando aquele espaço, ela querendo ou não abre portas. Então a visibilidade é fundamental, e eu ainda acho que nós temos pouca visibilidade na arbitragem para mulheres apitando, as mulheres, muitas vezes, que querem entrar na arbitragem hoje, vão para um caminho de bandeirar, porque entendem que vão ter mais espaço e oportunidade do

que apitar, porque ainda é o que a gente vê, ou seja, temos, mas ainda falta mais visibilidade.

Na Federação Paulista de Futebol, a quantidade de árbitras principais é bem menor do que a de árbitras assistentes. Entre as mulheres do quadro de arbitragem, quase quarenta e sete por cento é assistente e apenas vinte e seis por cento atua como árbitra central.

E a remuneração da arbitragem varia de acordo com a função em campo e com o escudo que o árbitro carrega. Em âmbito nacional, a Confederação Brasileira de Futebol lançou em janeiro de 2026 um projeto de profissionalização dos árbitros. Nele, vinte centrais e quarenta assistentes recebem um salário fixo por mês, fora as taxas por jogo apitado.

ILUSTRAÇÃO 4 - Explicação sobre remuneração após profissionalização

Renata Ruel destaca que a remuneração é equiparada na arbitragem, porque tanto os homens quanto as mulheres recebem uma taxa igual quando apitam um mesmo campeonato.

SONORA RENATA 3 - 58''

Porque a hora que a gente fala de arbitragem e até em remuneração, você tem a remuneração em função do campeonato, e aí dependendo da categoria que você usa, então o Brasileirão Série A masculino, ele tem uma taxa de arbitragem, e aí FIFA ganha um valor, o Master ganha outro, o árbitro CBF ganha outro. Só que aí independe se você é homem ou mulher como árbitra, é aquela taxa específica, então não faz diferenciação nesse sentido. A hora que você, a gente pode falar de uma certa diferenciação, a hora que você sai do Brasileirão Série A masculino e vai para o brasileirão Série A feminino, aí você vai ver o valor da taxa e aí ele muda completamente, e é assim, é cinco vezes menos, é uma coisa surreal. [...] Mas em relação àquele campeonato, a taxa vai ser a mesma para ambos, não importa quem é, quem for fazer aquele jogo vai receber aquela taxa.

Sobe e desce BG

Ao comparar os campeonatos paulistas de 2025, a presença feminina na arbitragem é muito mais significativa nos jogos das mulheres. Enquanto o Paulistão Masculino apresentou cerca de doze por cento de mulheres nas escalas do quarteto de arbitragem, o Paulistão Feminino teve setenta por cento de participação das mulheres. Esses valores correspondem aos jogos da fase de grupos dos dois torneios, sendo que os homens jogaram noventa e seis partidas, e as mulheres cinquenta e seis.

A jogadora Camila Soares, zagueira da Associação Ferroviária de Esportes, relata quais são as diferenças entre ter um jogo apitado por um homem ou por uma mulher.

SONORA CAMILA 1 - 1'06"

Eu já lidei com árbitros homens que foram super respeitosos e já lidei também com árbitros homens que não tinham respeito nenhum, na verdade. E também mulheres que a gente chegava com toda a educação e elas respondiam com toda a educação, e mulheres também que era uma grosseria absurda. Então, isso para mim é muito mais sobre pessoa do que sobre o gênero. Mas eu vejo que é muito importante que tenha mulheres apitando na arbitragem, porque a gente se sente muito mais, eu vou dizer um termo muito coloquial, "em casa", como se a gente estivesse lidando com alguém muito parecido com a gente mesmo, isso realmente em termos de gênero, mas entendendo que se há respeito aqui, há respeito ali. E às vezes com homens, a gente já lidou com homens que às vezes a gente chegava para fazer uma reclamação e a gente sabe que, por ser no futebol feminino, ele chegava e tratava a gente de uma maneira, e se ele estivesse apitando amanhã um jogo do masculino, o cara poderia xingar ele, que estaria tudo bem, sabe?

O futebol é um ambiente historicamente formado por homens. Um espaço como esse tende a não aceitar bem as mulheres que entram num cenário que julgavam ser exclusivo. É aí que nascem pensamentos e atitudes machistas e misóginas.

Aliás, é importante diferenciarmos esses conceitos. O machismo é uma ideologia estrutural na qual os homens são considerados superiores às mulheres. Já a misoginia é o ódio, o desprezo ou a aversão direta às mulheres.

E esse tipo de ataque às árbitras vem não só de jogadores no campo, de torcedores nas arquibancadas, de dirigentes nos bastidores. Eles vêm de todos esses juntos nas redes sociais. E não são só os homens que praticam essa violência, como observa a ex-árbitra.

SONORA RENATA 4 - 1'22"

Eu acho que o desafio de ser mulher, ele é gigante, né? E a misoginia, gente, não tem como não falar de preconceito, não tem como falar de misoginia, é algo que a gente enfrenta por ser mulher no mundo, e aí eu acho que em vários lugares, em vários momentos da vida, quando você está num lugar que é um ambiente masculino, isso fica um pouco mais forte nesse sentido, então assim, você tem que provar o tempo inteiro, muito mais do que um homem, que você é qualificada, que você é competente, que você está ali pela competência que você tem, e que você tem competência para estar ali, estar naquele momento, naqueles lugares. É uma prova diária, é uma prova constante. [...] Acho que é importante falar, esse machismo, ele não vem só dos homens, ele vem das mulheres também, então num ponto de você estar na arquibancada, atuando num jogo, bandeirando, apitando, e

you, besides men, listen to the woman on the sidelines: she will wash the dishes, what are you doing here? In those times ago, as a commentator, I received a message from a woman, she will look for a man, I said: my God from heaven, right? Then, it is from men, not that it is correct, on the contrary, but at the moment that you receive from a woman, she is shocked.

Em uma sociedade extremamente conectada, qual é o papel da mídia no combate ao machismo e à misoginia dentro do esporte? E ainda: existe uma maneira correta de denunciar esses casos na televisão, por exemplo, sem incentivar ainda mais atitudes violentas? A Renata reflete sobre isso.

SONORA RENATA 5 - 1'

A gente tem um caso recente de um jogador do Red Bull Bragantino falando que mulher não tem que apitar futebol. Você tem casos recentes de treinadores falando que o time dele não vai usar rosa, porque é coisa de menininha. Você tem outros casos: "aqui tem que jogar como homem". Então assim, dentro do próprio futebol, você tem cada comentário machista que assusta, e tem inúmeros, eu citei alguns. E essas pessoas, elas têm uma visibilidade muito grande, e a hora que elas têm esse tipo de visibilidade, que ela fala para milhões, milhares de pessoas, milhões de pessoas, a hora que elas se sentem na liberdade de fazer algo assim, eu até falei recentemente isso para a ESPN, elas estão, querendo ou não, ajudando a aumentar o caso de violência contra as mulheres, ajudam a aumentar esses dados estatísticos de forma negativa. Então assim, temos que falar, temos que fazer campanha, temos que conscientizar, e é assim como a sociedade, a mídia faz parte disso, e precisa mostrar esse tipo de coisa para a gente tentar melhorar, de certa forma, essa questão.

E quando a imprensa promove a inclusão feminina no ambiente esportivo, mais mulheres se sentem representadas e incentivadas a começar ou a continuar com seus sonhos. E isso não acontece só com a arbitragem...

SONORA CAMILA 2 - 31"

It is very legal to see women, whether as athletes, whether as referees, whether as the fourth referee, the main referee of the match, in short, occupying these spaces. Because the people look and the people talk, look, the woman can be who she wants to be and where she wants to be, where she wants to be, where she wants to be. And this is not only as an athlete, but in all areas of football. And it is this that the people see also in the club, when the people look and see a female director, a female president, in short, it is very good.

Misoginia é crime. E muitas vozes gritam: chega! Não existe mais espaço para isso, seja no futebol ou na sociedade brasileira.

SONORA RENATA 6 - 30"

Sabe aqueles comentários que eu recebo, milhares de comentários nos meus posts, agora é crime, sabe? Acho que lidar com isso é uma loucura, mas, ao mesmo tempo, eu sempre falo assim, se a gente desiste, eles vencem, e eles não vão vencer, a gente dá a mão uma para a outra, e vai junto, e não vamos desistir, porque eles não vão nos vencer, a gente tem o direito de ocupar esse espaço, a gente tem qualificação e competência para estar lá, e eles vão ter que nos engolir, como dizem por aí.

Vinheta de encerramento

Você ouviu 'Vozes do apito', um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol paulista. Este episódio usou trechos de produções da Band, por meio do acervo Sereias da Vila, ESPN Brasil, Canal no YouTube do Paulistão e TV Alamybrado Alvinegro.

O podcast “Vozes do Apito: a arbitragem feminina no futebol paulista” faz parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo na Unesp em Bauru.

Todas as etapas de produção deste projeto foram feitas por mim, Marcela Evangelista, sob a orientação do professor José Carlos Marques.

APÊNDICE E – Roteiro do episódio “Se a minha voz for ouvida”

Vozes do apito: a arbitragem feminina no futebol paulista

Episódio 4 - Se a minha voz for ouvida

Olá, ouvintes! Eu sou Marcela Evangelista e este é o 'Vozes do apito', um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol paulista. A cada episódio você vai conhecer histórias de mulheres que atuam ou atuaram como árbitras e assistentes nos gramados de São Paulo.

Nossa viagem agora é para o interior paulista, porque vamos juntos até o Estádio Alfredo de Castilho em Bauru no ano de 2019. No gramado, dois times tradicionais da cidade se enfrentam pela final da nona edição da Copa Semel de Futebol Amador: Beija-Flor e Comercial Esporte Clube. No placar, o jogo está empatado sem gols e se encaminha para os pênaltis.

À beira do campo, uma árbitra assistente retorna após uma lesão no joelho. Depois de alguns meses de molho, ela se destacou nas atuações nesse campeonato e recebeu a primeira oportunidade da carreira de apitar uma final.

SONORA ÍRIS 1 - 39”

Então, eu fiquei muito preocupada com o meu desempenho. E assim, me entreguei de fato para isso, me dediquei, e consegui, dentre tantos árbitros bons que nós tínhamos naquele momento no quadro, ser uma das árbitras finalistas, a única mulher do quadro, eu era a única mulher, eu sou ainda hoje, a única mulher do quadro que atua, e conseguir, entre todos ali, uma vaga na final como árbitra assistente, para mim foi muito importante. [...] Tinham muitos rumores vindo de homens que dominam o cenário, de que, por exemplo, falaram para o Carlão, que era o presidente, que ele estava louco de pôr uma mulher no futebol amador, entendeu?

Você ouviu a Íris Rodrigues, a única árbitra da Liga de Futebol Amador de Bauru e a primeira mulher a apitar uma final do campeonato de Futebol Amador em Marília. Ela também faz parte do quadro de arbitragem da Liga Paulista de Futsal.

Íris é a protagonista do quarto episódio do “Vozes do apito”, um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol em São Paulo. Eu, Marcela Evangelista, levo você, ouvinte, para mergulhar nesse universo. Aqui, vamos falar sobre as árbitras no futebol amador, os fatores para a consolidação na carreira e a importância da saúde mental na arbitragem. Você ouve agora o episódio: **Se a minha voz for ouvida**.

Vinheta

Na sua cidade tem um campeonato de várzea? As chances são grandes, pois dezenas de ligas estão espalhadas pelas regiões do Estado de São Paulo. A Federação Paulista organiza alguns desses torneios, mas há outras competições independentes.

ILUSTRAÇÃO 1 - Reportagens sobre futebol amador no interior

Se o cenário da arbitragem feminina já é desafiador nos grandes centros, ele é ainda mais nos campeonatos amadores. As dificuldades estruturais e financeiras prejudicam o desenvolvimento da arbitragem nesses ambientes, principalmente para as mulheres. A árbitra da Liga de Futebol Amador de Bauru, Íris Rodrigues, destaca os principais obstáculos que enfrenta dentro e fora de campo.

SONORA ÍRIS 2 - 37"

A primeira coisa é o olhar, né? O olhar por ser uma mulher que está ali. Porque é impactante você chegar para uma partida e ser uma mulher que está à frente de tudo. Então, esse já é o primeiro impacto de torcedores, às vezes até de jogadores, comissão técnica, às vezes até as pessoas da própria equipe mesmo que estão trabalhando. Então, assim, nós que somos mulheres, que gostamos disso, temos que lutar pelo espaço. E a primeira coisa que eles falam é que mulher não entende de futebol. E pelo contrário, tem mulher que sabe muito mais que muito homem.

Alguns fatores são decisivos para a consolidação da carreira na arbitragem, como a capacidade e a resistência física, a habilidade de leitura tática e a velocidade para tomada de decisões. Para a árbitra Íris Rodrigues, outro aspecto importante é o equilíbrio psicológico.

SONORA ÍRIS 3 - 48"

Olha, eu acho que o principal é ter força de vontade e ter um mental muito forte, porque não é fácil, não é nem um pouco fácil. Você ouve muita coisa que vai tirar um pouco da sua paz, do seu equilíbrio, vai mexer com o seu emocional. Uma coisa que eu aprendi é não ouvir os elogios, porque elogio demais também não te faz bem, porque assim se você ouve elogios demais, na hora que bater uma crítica você vai cair. Então você tem que sempre manter ali um meio termo e ter confiança no seu trabalho. Então é ter uma parte mental muito forte, se preservar e estudar, porque quanto mais você tem convicção daquilo que você está fazendo, mais forte você vai conseguir lidar com as adversidades dentro e fora do campo, né?

Sobe e desce BG

Dentro da área da psicologia, existe a psicomotricidade, que analisa o corpo em movimento e envolve funções cognitivas, motoras e emocionais. No caso da arbitragem, os psicólogos do esporte auxiliam na capacidade de foco e consistência dentro de campo, além de trabalharem a autorregulação em momentos de estresse ou pressão.

ILUSTRAÇÃO 2 - Reportagem sobre saúde mental na arbitragem

E quando falamos da arbitragem feminina, é preciso incluir nessa equação uma estrutura social ainda muito machista. Por isso, os psicólogos esportivos trabalham diversos aspectos direcionados às mulheres que atuam nessa profissão.

A psicóloga do esporte Carolina Bitetti atua diretamente com árbitros de vários estados do Brasil. Ela explica quais fatores são levados em conta no acompanhamento específico da arbitragem feminina.

SONORA CAROLINA 1 - 48”

As mulheres, elas estão sempre em provação, né, então, esse cenário que acaba internalizando uma necessidade, né, de estar ali em constante validação, em tanto de competência, quanto de comparativo, então, assim, desde comentários como, pô, você viu, eu fiz essa parte do campo, e eu consegui acompanhar o cara, eu passei pelo cara, enfim, então, tipo assim, existe essa comparação, por mais que seja inconsciente delas, né, assim, não acho que seja uma competição, mas sim uma questão de uma comparação mesmo, né, então, essa dinâmica, eu acho que ela configura uma pressão social, né, que acaba trazendo parte dos aspectos mais técnicos também, então, é a capacidade física, é a intensidade de entrega, é o critério estético, é de performance, né.

Sobe e desce BG

O futebol tem um conjunto de regras fundamentais. Elas foram estabelecidas pelo Conselho da Associação Internacional de Futebol, IFAB na sigla em inglês, e adotadas pela FIFA, a Federação Internacional de Futebol.

Essas normas definem como tudo funciona na modalidade, a exemplo das dimensões do campo de jogo, das faltas e impedimentos e dos procedimentos de arbitragem.

ILUSTRAÇÃO 3 - Regras do futebol

E por mais que as regras não mudem de um campeonato para o outro, há uma diferença nas diretrizes de acordo com a realidade de cada torneio. Certas tolerâncias da arbitragem com o ritmo de jogo são exemplos de como a mesma regra pode ser aplicada de formas distintas dependendo do confronto.

ILUSTRAÇÃO 4 - Diferença nas diretrizes

Não tem como exigir do Futebol Amador as mesmas condições de um jogo entre seleções em uma Copa do Mundo. Mesmo assim, a árbitra destaca a importância de seguir as normas em todas partidas que ela apita.

SONORA ÍRIS 4 - 33”

Não adianta nada você ir para o campo correr para caramba se você não souber a regra, entendeu? Até porque aqui no amador em Bauru tem muito jogador que já foi jogador profissional, muito jogador que já foi jogador profissional e que conhece a regra mais do que alguns árbitros. Então, se você for para um jogo e cometer um erro de regra com esses jogadores, eles vão te cobrar. E ao mesmo tempo que conhecem cada vírgula da regra, tem uns que não sabem nada. Então, ali no jogo os caras querem ficar sabendo por que você deu isso, porque aquilo. Então, você tem que ter uma paciência muito grande também para lidar com esses atletas também.

Você já aprendeu com a Silvia Regina, aqui no Vozes do Apito, que a preparação de um árbitro começa no histórico profissional. É nele que os jogadores e a comissão técnica das equipes vão se basear para entender como o árbitro trabalha e, a partir disso, moldar seu comportamento dentro de campo. A Íris relata como foi o processo de construir seu estilo de arbitragem no futebol.

SONORA ÍRIS 5 - 58”

Em 2021 a gente da associação aqui, nós fomos trabalhar em Marília, que também tem um grande Campeonato de Futebol Amador, e lá eu comecei a trabalhar como árbitra principal, aí a gente fez a transição de sair de árbitro auxiliar para árbitro principal. E eu consegui ter um certo destaque, consegui criar ali um perfil de trabalho meu, uma identidade minha, que aos poucos, né. No primeiro jogo assim foi quem que vai comandar, aí fica aquela coisa assim, nossa, uma mulher, e quando me viam trabalhando, aí o pessoal fala assim, nossa, é por isso que ela está aqui, ela tem muita personalidade, ela tem muita atitude, então eu comecei a criar uma identidade, e aos poucos fui crescendo e fui ficando conhecida, aí os atletas me conheciam, sabiam o meu estilo de trabalho, sempre mantendo um padrão.

Essa confiança dentro de campo é um dos fatores decisivos para uma boa atuação da arbitragem, como destaca a psicóloga Carolina Bitetti.

SONORA CAROLINA 2 - 34”

Eu acredito que a gente tem que trabalhar uma questão mais estrutural com a mulher, assim, que é dessa confiança, porque muitas das vezes quando se tem uma dúvida de uma marcação, isso abre uma brecha enorme. Eu costumo falar que quando a gente tá ali e vê uma dúvida, é como se você estivesse baixando a guarda numa luta contra o Popó. Você vai perder, porque a partir desse momento você

perde o controle do jogo 100%, né, então, talvez seja assim com os homens, talvez, mas eu acho que não, né, acho que é bem diferente.

Atualmente, a preparação técnica é a mesma para homens e mulheres. Mas nem todos conseguiram entender essa realidade mais igualitária. Nesse sentido, a psicóloga sugere o que pode ser feito para melhorar a arbitragem como um todo.

SONORA CAROLINA 3 - 57”

É entender que ela tem suas diferenças, sim, mas ela também tem a capacidade de atuar, né, então, assim, a nossa tentativa, eu acredito que tenha que ser baseada, assim, numa reconstrução de referência, né, assim, tanto interna quanto externa, para fortalecer essa identidade profissional da mulher, né, dar uma ferramenta de promoção de saúde [...] Então, assim, é buscar uma ressignificação dos padrões impostos, tentar uma redução do impacto desse machismo estrutural que permeia, acredito que o esporte, não, a gente não precisa falar só do futebol, né, e fortalecer essa identidade, essa confiança, ajudar essas meninas que, meu, cada dia estão apitando melhor, elas são maravilhosas, elas estão atuando muito.

Quando uma mulher tem sua identidade fortalecida, todas as outras ganham com isso. Uma árbitra confiante e segura para desempenhar o seu trabalho amplia a visibilidade da profissão. E mais do que isso, transforma hábitos e vai, aos poucos, acostumando as pessoas de que as mulheres podem ocupar esse espaço e todos os outros que desejarem. É o que todas nós sonhamos.

SONORA ÍRIS 6 - 28”

Começa por aí, porque a partir do momento que uma dá a voz e abre esse espaço, as outras se sentem mais acolhidas a estarem seguindo esse mesmo caminho. [...] Se a minha voz for ouvida por mulheres que queiram começar a aprender ou viver de alguma forma, de tentar buscar, que seja ouvida e que venha, que será recebida de braços abertos, o início realmente não é fácil, só que é possível, é possível você alcançar.

Vinheta de encerramento

Você ouviu 'Vozes do apito', um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol paulista. Este episódio usou trechos de produções da TV Unesp, Confederação Brasileira de Futebol, Perfil no Instagram da Ana Paula Oliveira e Time Brasil TV.

O podcast “Vozes do Apito: a arbitragem feminina no futebol paulista” faz parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo na Unesp em Bauru.

Todas as etapas de produção deste projeto foram feitas por mim, Marcela Evangelista, sob a orientação do professor José Carlos Marques.

APÊNDICE F – Roteiro do episódio “Que outra mulher sempre vença”

Vozes do apito: a arbitragem feminina no futebol paulista

Episódio 5 - Que outra mulher sempre vença

Olá, ouvintes! Eu sou Marcela Evangelista e este é o 'Vozes do apito', um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol paulista. A cada episódio você vai conhecer histórias de mulheres que atuam ou atuaram como árbitras e assistentes nos gramados de São Paulo.

A última parada da nossa viagem é na Brasil Ladies Cup de 2021. Pouco tempo depois do fim da quarentena causada pela pandemia de Covid-19, as máscaras ainda cobrem os rostos das pessoas no estádio. No campo do Allianz Parque, as equipes femininas de São Paulo e Santos disputam a final da primeira edição do torneio.

ILUSTRAÇÃO 1 - Reportagem e narração Brasil Ladies Cup

O quarteto de arbitragem da decisão foi formado por: Marianna Batalha, Fabrini Bevilacqua, Adeli Monteiro e Izabele de Oliveira.

SONORA IZABELE 1 - 28”

Mas eu acho que, assim, o que foi a virada de chave, né, pra mim, foi um jogo feminino que eu fiz, que foi a final da Ladies Cup, que na época a federação estava com a campeonato da Ladies Cup, que foi o meu primeiro campeonato que passou na TV, né? Foi o meu primeiro campeonato, e sem VAR ainda, né? Então, eu trabalhei com colegas, assim, que eu gosto muito dentro de campo, né? Então, esse jogo da Ladies Cup foi um jogo que foi a virada de chave da minha carreira. Porque eu, literalmente estava no fundo do poço. Eu acreditei que eu não poderia sair de lá. Porque eu já tinha praticamente desistido da arbitragem.

Essa é Izabele de Oliveira, árbitra assistente da Federação Paulista de Futebol e da CBF. Ela participou da primeira edição do Programa Jovens Árbitros da Federação Paulista, e conquistou os prêmios de Assistente Revelação no Campeonato Paulista de 2024 e Terceiro Melhor Trio de Arbitragem no Paulistão 2025.

ILUSTRAÇÃO 2 - Narrações Izabele de Oliveira

Ela é a protagonista do quinto e último episódio do “Vozes do apito”, um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol em São Paulo. Eu, Marcela Evangelista, te levo para mergulhar nesse universo. Aqui, vamos falar sobre a dedicação exclusiva

à carreira, a preparação física das árbitras e as particularidades do corpo feminino no esporte. Você ouve agora o episódio: **Que outra mulher sempre vença.**

Vinheta

O trabalho como árbitra envolve muitas etapas além da hora do jogo.

ILUSTRAÇÃO 5 - Vida de árbitra

Elas se dedicam ao estudo das regras, das equipes e dos jogadores antes de uma partida, por exemplo. Além disso, fazem muitas viagens e participam de treinamentos e de reuniões pós-jogo. A árbitra Izabele de Oliveira nos conta como se dedica à profissão.

SONORA IZABELE 2 - 38"

Mas a nossa escolha é 25 horas por dia, né? Eu vivo, respiro futebol, eu vivo a arbitragem. [...] Eu sou uma pessoa que assiste muitos jogos, sou apaixonada, assisto Champions League, Paulistão, Brasileiro, Libertadores, Conmebol, Sul-Americana, Feminino, Sub-20, o que estiver passando na TV, eu assisto, sabe? Aí ainda, tipo assim, alguém pergunta alguma coisa sobre alguma coisa aleatória. Ah, você viu o cantor não sei o que lá? Não vi, gente. Ah, não vi. Mas falou de futebol comigo, eu sei de tudo. Porque hoje a minha atenção é 100% voltada para o futebol, para a arbitragem.

Mas isso só é possível para uma pessoa que vive exclusivamente da arbitragem. Como não são todos os árbitros que podem usufruir dessa condição, muitos acabam acumulando outros empregos para se sustentarem. A Izabele entende essa realidade e já está se preparando para quando não puder mais arbitrar.

SONORA IZABELE 3 - 43"

Então hoje eu só trabalho com arbitragem porque a Federação Paulista me permite fazer isso. Porque a gente tem jogos, assim, de segunda a segunda. A gente tem muitos jogos, seja da Federação e seja da CBF. Mas, assim, eu tenho um plano de carreira dentro da Federação, estou terminando a minha segunda graduação, tenho o objetivo de fazer pós-graduação e prestar concurso público e abrir um negócio próprio, porque a gente não é profissional ainda da arbitragem, então a gente só recebe quando a gente trabalha. E outra, a gente pode também, por opção ou por algum acontecimento, como foi o ano passado, que eu quebrei o pé, ficar alguns dias fora. E se isso acontecer, eu tenho que estar preparada para esse tipo de situação, né? Tenho que ter uma reserva de emergência e tudo. Então hoje eu tenho esse privilégio de trabalhar só com arbitragem.

Sobe e desce BG

Para um bom desempenho em campo, as árbitras precisam estar com condicionamento físico adequado. E para isso, fazem acompanhamento com uma equipe multiprofissional, que inclui preparador físico, nutricionista, fisioterapeuta e fisiologista.

ILUSTRAÇÃO 3 - Reportagem sobre treino e preparação física

Essa preparação é muito semelhante a de um atleta de elite, como destaca a diretora da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte, doutora Carla Vieira.

SONORA CARLA 1 - 39”

E aí o que eu acho interessante é que a gente tem que trazer o árbitro numa linha de cuidado muito semelhante ao de um atleta, porque eles têm uma rotina de treino intensa, eles durante o trabalho, durante a profissão, eles usam o corpo e o corpo é uma ferramenta de trabalho, além do trabalho intelectual que eles desenvolvem ali, mas o corpo eles estão usando o corpo inteiro, correndo em campo, então eles têm que ter uma preparação muito boa da parte física e mental. Também considero a saúde sempre uma saúde global, corpo inteiro, corpo e mente, então tudo isso tem que estar em harmonia, e eles têm que estar em acompanhamento constante.

O corpo dos homens e das mulheres têm diferenças biológicas significativas na atuação esportiva. Enquanto os homens geralmente superam em potência e velocidade, as mulheres tendem a ser mais flexíveis e resistentes à fadiga. A árbitra relata como lida com essas particularidades do corpo feminino na profissão.

SONORA IZABELE 4 - 52”

Então, pra gente trabalhar no alto nível do futebol, como eu quero trabalhar e como eu já trabalho aqui na minha Federação Paulista. E além de tudo, tem que ser um... É um espaço super competitivo. Então, cada detalhe faz muita diferença. Então, a gente tem que se preparar fisicamente, tecnicamente, psicologicamente, mentalmente, né? E pra nós, mulher, envolve todas as coisas na questão por nós sermos mulheres, por a gente ter, biologicamente falando, um corpo diferente. Então, a gente disputa... Vamos colocar, a gente disputa o mesmo espaço que os meninos, né? Então, isso aí já é tudo um desafio, né? Então, a gente precisa... Pra gente buscar o nosso espaço, pra gente ser reconhecida, a gente precisa constantemente estar mostrando que a gente é tão capacitada quanto qualquer outra pessoa, né? Então, as oportunidades vêm surgindo e a gente vem mostrando cada vez mais que a gente merece estar nesse lugar, né? Então, eu acho que o desafio é isso. É manter, é ser constante. [...] Então, é óbvio que como mulher, a gente tem que se preparar duas, três vezes mais do que um homem, né?

A doutora Carla Vieira também explica os fatores mais relevantes do corpo feminino que têm influência na prática esportiva.

SONORA CARLA 2 - 42”

O principal é o ciclo menstrual, que vai interferir em várias questões, então não só as questões inerentes ao ciclo ali, a TPM, o sangramento e o impacto disso, né, os sintomas físicos e emocionais, as consequências de um fluxo menstrual aumentado, né, levando aí a deficiência de ferro, anemia e outras coisas que podem acontecer, e todas as outras particularidades relacionadas a essa parte, mas o impacto dos hormônios femininos no corpo da mulher. Então a mulher tem características relacionadas à massa muscular, fibras musculares, à capacidade cardiorrespiratória, a propensão à lesão muito diferente do homem.

O corpo é o objeto de trabalho da árbitra. Se o corpo não vai bem, não tem como trabalhar. E se a árbitra não trabalha, ela não recebe. Por isso, muitas vezes elas escondem lesões e vão deixando a própria saúde de lado. Nesse sentido, a médica ressalta o papel das comissões de arbitragem em dar suporte para suas profissionais.

SONORA CARLA 3 - 54”

É mostrar para a federação, é mostrar para quem está acima dessas árbitras, que elas têm, elas são seres humanos, com toda a complexidade que o corpo humano tem, e que se você, se ela não tem, não se sente num ambiente seguro para se abrir, para falar, e não só de uma lesão, mas de outros problemas mais sérios, que a mulher está muito mais predisposta, assédio e etc. Então a gente tem visto um movimento cada vez maior no esporte, ainda muito menor do que a gente gostaria que fosse, mas um crescimento no respeito à mulher, às individualidades dela, do ciclo menstrual, de gestação, de retorno no puerpério. E as árbitras vão passar por tudo isso também, e elas precisam também ter todo esse acolhimento e esse cuidado, então eu vejo muito como um trabalho de formiguinha que a gente precisa fazer para educar e mostrar para as pessoas que estão à frente dessas gestões, que elas tenham que ter esse olhar.

Sobe e desce BG

A geração de árbitras da Izabele teve a oportunidade de ter várias outras como referência em dois momentos da história. Primeiro, com as pioneiras Silvia Regina, Ana Paula Oliveira, Aline Lambert e outras mais. E também puderam se inspirar e conviver com Edina Batista, Neuza Back, Fabrini Bevilaqua, Tatiane Sacilotti, entre outras.

ILUSTRAÇÃO 4 - Reportagem sobre referências na arbitragem

A todo momento, o passado se conecta com o presente, e as experiências já vividas pelas pioneiras se renovam todas as vezes que uma mulher entra em campo com um apito. E as que antes buscavam referências, agora inspiram as próximas gerações.

SONORA IZABELE 5 - 50”

Se elas estão bem, se elas estão indo é porque a gente também pode. E isso nos motiva ainda mais a continuar. Então às vezes eu falo assim não sabia dessa dimensão. Porque eu estou começando e mesmo assim eu recebo muitas mensagens de meninas que estão chegando falando que eu sou referência para elas. Isso é muito legal porque eu falo assim gente, eu estou no comecinho e mesmo assim elas falam assim nossa, eu estive fazendo um jogo lá. Eu falei, achei super legal. Aí eu falei, cara, isso aí motiva mesmo as meninas, sabe? Porque às vezes as meninas olham assim e veem um cenário onde tem não que seja um problema mas um cenário onde tem muitos homens e daí a gente acaba ficando desanimada por conta disso, né? Que falam assim, não vai ter espaço para outros chegarem... porque eu vou me dedicar àquilo. E quando a gente vê outras meninas trabalhando, a gente vê que a gente, se a gente trabalhar e a gente for persistente, resiliente e constante, a gente consegue chegar a ter oportunidade tanto quanto elas.

O pioneirismo das brasileiras na arbitragem feminina é uma marca do nosso futebol. E relembrar e registrar essa história também é uma forma de incentivar as novas gerações a perseverarem. Mesmo que a profissão venha acompanhada de uma série de obstáculos, vale a pena continuar se esse for o sonho delas. Que as árbitras não desistam mesmo diante das dificuldades, porque se ELAS desistem, ELES vencem. Ao contrário disso, que imponham suas vozes e digam ao mundo que lugar de mulher é onde ela quiser. E, mais ainda, que apoiem umas às outras em todas as circunstâncias, porque se uma mulher vence, todas vencemos juntas.

SONORA IZABELE 6 - 27”

Então eu como mulher torço para que que outra mulher sempre vença. Porque esses dias algumas colegas minhas saíram nos campeonatos masculinos, e eu mandei mensagem pelas eu falei. Assim você venceu todas nós vencemos, porque a luta, nossa, né, nossa luta? Então as oportunidades acontecem assim. A gente tem que sempre torcer uma pela outra, porque a tendência é cada vez mais, a gente conquistar um lugar que é nosso, por direito, né? Ninguém colocou a gente lá porque a gente é mulher, alguma coisa assim.

Vinheta de encerramento

Você ouviu 'Vozes do apito', um podcast sobre a arbitragem feminina no futebol paulista. Este episódio usou trechos de produções do Canal no YouTube do Brasil Ladies Cup, Canal no YouTube do Paulistão, Esporte Espetacular, da Rede Globo, Canal no Youtube Metrôpoles Esportes, Cazé TV e Confederação Brasileira de Futebol.

O podcast “Vozes do Apito: a arbitragem feminina no futebol paulista” faz parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo na Unesp em Bauru.

Todas as etapas de produção deste projeto foram feitas por mim, Marcela Evangelista, sob a orientação do professor José Carlos Marques.

APÊNDICE G – Lista de músicas

Grecia - Andres Rodriguez (anrocomposer)

Lahaina - Cloud Harbor

Palms Down - Confectionery

Babble Babble Brook - High Horse

Huffalo - High Horse

Fifteen Street - Little Rock

FasterFasterBrighter - Ray Catcher

Puck in the Barn - Sourdough

Gallant Fantasie - Sugartree

Vernouillet - The Sweet Hots